



REVISTA DOS FRANCISCANOS
DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ
julho/dezembro 2021
ano 85 - nº 2

TODOS VÓS
SOIS **IRMÃOS!**

REVISTA DOS FRANCISCANOS DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Julho/dezembro - 2021 - ano 85 - nº 2

Rua Sabinópolis, 50A
Carlos Prates
Belo Horizonte-MG
CEP 30710-340
www.ofm.org.br

Equipe Provincial de Comunicação

Frei Joaquim Fonseca de Souza
Frei Laércio Jorge de Oliveira
Frei Saulo José Duarte

Assistente de Comunicação

Tiago J. Theisen (RP: 0019670/MG)

Revisão

Paula Zaidan
Luana Galvão

Diagramação

Míriam Carla Alves

Montagem e Impressão

Gráfica do Colégio Santo Antônio

Coordenação Gráfica

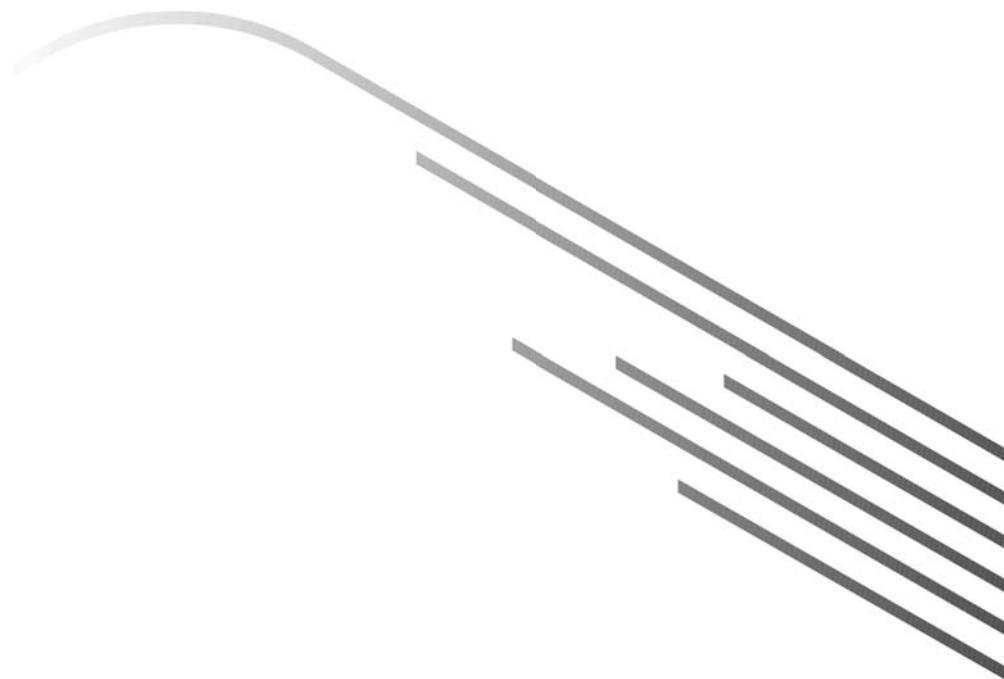
Denilson Fonseca

Expedição

Secretaria Provincial



**REVISTA DOS FRANCISCANOS
DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ**





Editorial



Chegamos ao último número da *Revista Santa Cruz* do triênio. Nossa atenção se volta agora para o Capítulo Provincial, em janeiro de 2022. Esperamos que os textos veiculados e as reflexões apresentadas sobre as prioridades votadas no Capítulo Provincial de 2018, especialmente produzidas para a *Revista Santa Cruz*, tenham ajudado a refletir e entender a importância das prioridades assumidas: a evangelização na linha da *Laudato Si'*, a evangelização nas periferias, a realidade das juventudes e o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Além disso, damos graças a Deus por tudo aquilo que Ele fez em nosso favor ao longo desse triênio e recordamos, com pesar, as vidas ceifadas pela pandemia e pela irresponsabilidade daqueles que poderiam evitar o acentuado número de mortos.

Agradecemos, de maneira especial, àqueles frades que não mediram esforços em dar sua contribuição para as páginas da *Revista Santa Cruz*.

Por fim, tendo em vista o Capítulo Provincial, trazemos nesta revista três textos que podem nos ajudar a refletir. O primeiro deles é uma análise de conjuntura. Esta é como um mapa que permite “viajar” na realidade e oferece uma síntese de chaves de leitura como o capitalismo financeiro neoliberal, a concentração de riqueza, o bolsonarismo e outras resistências. O segundo apresenta os desafios e novas perspectivas eclesiais para a evangelização a partir da *Fratelli Tutti*. O terceiro toma da *Fratelli Tutti* pontos comuns entre a encíclica e a espiritualidade franciscana.

Desejamos uma excelente leitura.



Sumário

Editorial

Vida da Igreja

<i>Momento de reflexão para o início do percurso sinodal – Papa Francisco</i>	143
Encontro «Religiões e Educação: Pacto Educativo Global» – Papa Francisco	148
Carta do Papa Francisco sobre o uso da Liturgia Romana anterior à Reforma de 1970	152
CNBB: Carta aberta à ALESP aos cidadãos brasileiros	156

Vida da Ordem

Mensagem do Santo Padre aos participantes do Capítulo Geral	161
Capítulo Geral 2021	164
Carta do Ministro Geral para a Solenidade de Santa Clara	166
Carta do Ministro Geral e Definitório para a Festa de São Francisco de Assis	170
Irmãos Leigos Franciscanos das quatro obediências	176
Novos governos eleitos	178

Vida da Província

Ordenações, profissões e instituições	185
Encontros e outros eventos	193
Da Fraternidade do Postulantado da Cruz de São Damião	205

Iniciativas e projetos sociais	209
Congresso de Formação da Província Santa Cruz	215

Reflexões

Análise da conjuntura – Élio Gasda, SJ	223
<i>Fratelli Tutti</i> – Desafios e novas perspectivas eclesiais para a evangelização – Dom José Belisário da Silva, OFM	235
<i>Fratelli Tutti</i> e a Espiritualidade Franciscana – Frei Celso Márcio Teixeira, OFM	243

In memoriam

<i>In memoriam</i> de Frei Feliciano van Sambeek – Frei Geraldo van Buul, OFM	257
---	-----



VIDA DA IGREJA



MOMENTO DE REFLEXÃO PARA O INÍCIO DO PERCURSO SINODAL

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Sala Nova do Sínodo

Sábado, 9 de outubro de 2021

A *mados irmãos e irmãs!*

Obrigado por estardes aqui na abertura do Sínodo. Percorrendo diversos caminhos, viestes de tantas Igrejas trazendo cada um no coração questões e esperanças; e tenho a certeza de que o Espírito nos guiará e concederá a graça de avançarmos em conjunto, de nos ouvirmos mutuamente e iniciarmos um discernimento no nosso tempo, tornando-nos solidários com as fadigas e os anseios da humanidade. Reitero que o Sínodo não é um parlamento, o Sínodo não é uma investigação sobre as opiniões; o Sínodo é um momento eclesial, e o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo. Se não estiver o Espírito, não haverá Sínodo.

Vivamos este Sínodo no espírito da ardente oração que Jesus dirigiu ao Pai pelos seus: «Para que todos sejam um só» (Jo 17, 21). É a isto que somos chamados: à unidade, à comunhão, à fraternidade que nasce de nos sentirmos abraçados pelo único amor de Deus. Todos, indistintamente, mas em particular nós, Pastores – assim escreve São Cipriano –, «devemos manter e reivindicar com firmeza esta unidade,

sobretudo nós, Bispos, que temos a presidência na Igreja, para dar provas de que o próprio episcopado também é uno e indiviso» (*De Ecclesiae Catholicae Unitate*, 5). Por isso, no único Povo de Deus, caminhemos em conjunto para fazer a experiência duma Igreja que recebe e vive o dom da unidade e se abre à voz do Espírito.

As palavras-chave do Sínodo são três: *comunhão, participação, missão*. Comunhão e missão são expressões teológicas que designam – e é bom recordá-lo – o mistério da Igreja. O Concílio Vaticano II esclareceu que a *comunhão* exprime a própria natureza da Igreja e, ao mesmo tempo, afirmou que a Igreja recebeu «a *missão* de anunciar e instaurar o reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra» (*Lumen Gentium*, 5). Através destas duas palavras, a Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão *ad intra* e fonte de missão *ad extra*. Depois dum tempo de reflexões doutrinárias, teológicas e pastorais que caracterizaram a recepção do Vaticano II, São Paulo VI quis

condensar precisamente nestas duas palavras – *comunhão* e *missão* – «as linhas mestras, enunciadas pelo Concílio». Com efeito, ao comemorar a abertura do mesmo, afirmou que as linhas gerais foram «a *comunhão*, ou seja, a coesão e a plenitude interior, na graça, na verdade e na colaboração [...]; e a *missão*, ou seja, o compromisso apostólico para com o mundo contemporâneo» (*Angelus*, 11/X/1970), que não é proselitismo.

Ao encerrar o Sínodo de 1985, vinte anos depois da conclusão da assembleia conciliar, também São João Paulo II quis reafirmar que a natureza da Igreja é a *koinonia*: dela brota a missão de ser sinal de união íntima da família humana com Deus. E acrescentou: «Convém sumamente que na Igreja se celebrem Sínodos ordinários e, se for necessário, também extraordinários», os quais, para dar fruto, devem ser bem preparados, «a saber, é preciso que nas Igrejas locais se trabalhe pela sua preparação com participação de todos» (*Discurso de encerramento da II Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos*, 07/XII/1985). E aqui temos a terceira

As palavras-chave do Sínodo são
três: *comunhão, participação, missão*.

palavra: *participação*. Comunhão e missão correm o risco de permanecer termos meio abstratos, se não se cultiva uma praxis eclesial que se exprima em *ações concretas de sinodalidade* em cada etapa do caminho e da atividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um. Naturalmente celebrar um Sínodo é sempre bom e importante, mas só é verdadeiramente fecundo se se tornar expressão viva do ser Igreja, dum agir caracterizado por verdadeira participação.

E isto, não por exigências de estilo, mas de fé. A participação é uma exigência da fé batismal. De fato – como afirma o apóstolo Paulo – «num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). O ponto de partida, no corpo eclesial, é este e mais nenhum: o Batismo. Dele, nossa fonte de vida, deriva a igual dignidade dos filhos de Deus, embora na diferença de ministérios e carismas. Por isso, todos somos chamados a participar na vida da Igreja e na sua missão. Se falta uma participação real de todo o Povo de Deus, os discursos sobre a comunhão arriscam-se a não passar de piás intenções. Neste aspecto, deram-se alguns passos em frente, mas sente-se ainda uma certa dificuldade e somos obrigados a registar o mal-estar

e a tribulação de muitos agentes pastorais, dos organismos de participação das dioceses e paróquias, das mulheres que muitas vezes ainda são deixadas à margem. Participarem todos: é um compromisso eclesial irrenunciável! Para todos os batizados, este é o cartão de identidade: o Batismo.

Entretanto o Sínodo, ao mesmo tempo que nos proporciona uma grande oportunidade para a conversão pastoral em chave missionária e também ecumênica, não está isento de *alguns* riscos. Menciono três. O primeiro é o risco do *formalismo*. Pode-se reduzir um Sínodo a um evento extraordinário, mas de fachada, precisamente como se alguém ficasse a olhar a bela fachada duma igreja sem nunca entrar nela. Pelo contrário, o Sínodo é um percurso de efetivo discernimento espiritual, que não empreendemos para dar uma bela imagem de nós mesmos, mas a fim de colaborar melhor para a obra de Deus na história. Assim, quando falamos duma Igreja sinodal, não podemos contentar-nos com a forma, mas temos necessidade também de substância, instrumentos e estruturas que favoreçam o diálogo e a interação no Povo de Deus, sobretudo entre sacerdotes e leigos. Por que destaco isto? Porque às

vezes há algum elitismo na ordem presbiteral, que a separa dos leigos; e, no fim, o padre torna-se o «patrão da barraca» e não o pastor de toda uma Igreja que está avançando. Isto requer a transformação de certas visões verticalizadas, distorcidas e parciais sobre a Igreja, o ministério presbiteral, o papel dos leigos, as responsabilidades eclesiais, as funções de governo, etc.

Um segundo risco é o do *intellectualismo* (da abstração, a realidade vai para um lado e nós, com as nossas reflexões, vamos para outro): transformar o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções cultas mas alheias aos problemas da Igreja e aos males do mundo; uma espécie de «falar por falar», onde se pensa de maneira superficial e mundana, acabando por cair nas habituais e estéreis classificações ideológicas e partidárias, e alheando-se da realidade do santo Povo de Deus, da vida concreta das comunidades espalhadas pelo mundo.

Por fim, pode haver a tentação do *imobilismo*: dado que «se fez sempre assim» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii Gaudium*, 33) – esta afirmação “fez-se sempre assim” é um veneno na vida da Igreja –, é melhor não mudar. Quem se move neste horizonte, mesmo sem se dar conta, cai no

erro de não levar a sério o tempo que vivemos. O risco é que, no fim, se adotem soluções velhas para problemas novos: um remendo de pano cru, que acaba por criar um rasgão ainda maior (cf. Mt 9, 16). Por isso, é importante que o caminho sinodal seja verdadeiramente tal, que seja um processo em desenvolvimento; envolva, em diferentes fases e a partir da base, as Igrejas locais, num trabalho apaixonado e encarnado, que imprima um estilo de comunhão e participação orientado para a missão.

Vivamos, pois, esta ocasião de encontro, escuta e reflexão como *um tempo de graça* – sim, irmãos e irmãs, um tempo de graça – que nos ofereça, na alegria do Evangelho, pelo menos *três oportunidades*. A primeira é encaminhar-nos, *não ocasionalmente, mas estruturalmente* para uma *Igreja sinodal*: um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar. Depois o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos *Igreja da escuta*: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração. Como sentimos falta da oração de adoração hoje! Muitos perderam não só o hábito, mas também a noção do que signifi-

ca adorar. Escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e as crises da fé nas diversas áreas do mundo, sobre as urgências de renovação da vida pastoral, sobre os sinais que provêm das realidades locais. Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma *Igreja da proximidade*. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. Se não chegarmos a esta Igreja da proximidade com atitudes de compaixão e ternura, não seremos Igreja do Senhor. E isto não só em palavras, mas com a presença, de tal modo que se estabeleçam maiores laços de amizade com a sociedade e o mundo: uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus. Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura.

Amados irmãos e irmãs, que este Sínodo seja um tempo habitado pelo Espírito! Pois é do Espírito que precisamos, da respiração sempre nova de Deus, que liberta de todo o fechamento, reanima o que está morto, solta as cadeias, espalha a alegria. O Espírito Santo é Aquele que nos guia para onde Deus quer, e não para onde nos

levariam as nossas ideias e gostos pessoais. O Padre Congar, de santa memória, recordou: «Não é preciso fazer *outra Igreja*; é preciso fazer uma *Igreja diferente*» (*Verdadeira e falsa reforma na Igreja*, Milão, 1994, 193). Este é o desafio. Por uma «*Igreja diferente*», aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito e coloquemo-nos humildemente à sua escuta, caminhando em conjunto, como Ele, criador da comunhão e da missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem.

Vinde, Espírito Santo! Vós, que suscitais línguas novas e locais nos lábios palavras de vida, livrai-nos de nos tornarmos uma Igreja de museu, bela mas muda, com tanto passado e pouco futuro. Vinde estar conosco, para que na experiência sinodal não nos deixemos dominar pelo desencanto, não debilitemos a profecia, não acabemos por reduzir tudo a discussões estéreis. Vinde, Espírito Santo de amor, e abri os nossos corações para a escuta. Vinde, Espírito de santidade, e renovai o santo Povo fiel de Deus. Vinde, Espírito Criador, e renovai a face da terra. Amém.

ENCONTRO «RELIGIÕES E EDUCAÇÃO: PACTO EDUCATIVO GLOBAL»

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Sala Clementina

Terça-feira, 5 de outubro de 2021

Queridos irmãos e irmãs!

Com alegria vos acolho nesta significativa ocasião para promover um Pacto Educativo Global. Hoje, no Dia Mundial dos Professores instituído pela UNESCO, queremos como Representantes das Religiões manifestar a nossa proximidade e gratidão a todos os professores e, ao mesmo tempo, a nossa solicitude pela educação.

Há dois anos – no dia 12 de setembro de 2019 –, dirigi um apelo a todos aqueles que intervêm, por variados títulos, no campo da educação para «dialogar sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos», porque «toda mudança precisa duma caminhada educativa para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora» (*Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*).

Com esta finalidade, promovi a iniciativa dum *Pacto Educativo Global*, «para reavivar o compromisso em prol e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva,

capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão», convidando todos a «unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna».

Se queremos um mundo mais fraterno, devemos educar as novas gerações para «reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita» (Carta enc. *Fratelli Tutti*, 1). Este princípio fundamental – «conhece-te a ti mesmo» – orientou sempre a educação, mas é necessário não descurar outros princípios essenciais: «conhece o teu irmão», a fim de educar para o acolhimento do outro [cf. Carta enc. *Fratelli Tutti*; Documento sobre *A fraternidade humana* (Abu Dhabi, 04/II/2019)]; «conhece a criação», a fim de educar para o cuidado da casa comum (cf. Carta

enc. *Laudato Si'*); e «conhece o Transcendente», a fim de educar para o grande mistério da vida. Temos a peito uma formação integral que se resume no conhecer-se a si mesmo, ao próprio irmão, à criação e ao Transcendente. Não podemos esconder às novas gerações as verdades que dão sentido à vida.

As religiões sempre tiveram uma relação estreita com a educação, acompanhando as atividades religiosas com as educativas, escolares e académicas. Como no passado, também hoje queremos, com a sabedoria e a humanidade das nossas tradições religiosas, ser estímulo para uma renovada ação educativa que possa fazer crescer no mundo a fraternidade universal.

Se no passado as diferenças nos puseram em contraposição, hoje vemos nelas a riqueza de caminhos diversos para chegar a Deus e educar as novas gerações para uma convivência pacífica no respeito mútuo. Por conseguinte,

Se queremos um mundo mais fraterno,
devemos educar as novas gerações para
«reconhecer, valorizar e amar todas
as pessoas independentemente da sua
proximidade física, do ponto da terra
onde cada um nasceu ou habita»

a educação compromete-nos a não usar jamais o nome de Deus para justificar a violência e o ódio contra outras tradições religiosas, a condenar toda forma de fanatismo e fundamentalismo, e a defender o direito de cada um escolher e agir segundo a própria consciência.

serem voz dos que não têm voz. Por conseguinte, a educação instata-nos a rejeitar e denunciar toda violação da integridade física e moral de cada um. E a educação deve levar-nos a compreender que, na dignidade, o homem e a mulher são iguais: não haverá discriminações.

Se no passado os direitos das mulheres, dos menores e dos mais frágeis nem sempre foram respeitados, hoje comprometemo-nos a defender com firmeza tais direitos e a ensinar às novas gerações a serem voz dos que não têm voz.

Se no passado, mesmo em nome da religião, se discriminaram as minorias étnicas, culturais, políticas e outras, hoje queremos ser defensores da identidade e dignidade de toda pessoa e ensinar as novas gerações a acolherem a todos sem discriminações. Por conseguinte, a educação compromete-nos a acolher o outro como ele é – não como eu quero que seja, mas como ele é – e sem julgar nem condenar ninguém.

Se no passado os direitos das mulheres, dos menores e dos mais frágeis nem sempre foram respeitados, hoje comprometemo-nos a defender com firmeza tais direitos e a ensinar às novas gerações a

Se no passado toleramos a exploração e o saque da nossa casa comum, hoje, mais conscientes do nosso papel de guardiões da criação que nos foi confiada por Deus, queremos ser voz da natureza que clama pela sua sobrevivência e formar as novas gerações para um estilo de vida mais sóbrio e ecossustentável. Ontem impressionou-me o testemunho de um dos cientistas que falou no nosso encontro, dizendo: «Se as coisas estão assim, a minha neta, recém-nascida, dentro de 50 anos terá que habitar num mundo inabitável». Por conseguinte, a educação compromete-nos a amar a *nossa mãe-terra* e a evitar

o desperdício de alimentos e recursos, bem como a partilhar mais os bens que Deus nos deu para a vida de todos. Vem-me ao pensamento aquilo que dizia um sábio, não católico: «Deus perdoa sempre. Nós perdoamos umas vezes sim, outras não. A natureza nunca perdoa».

Hoje queremos declarar que as nossas tradições religiosas, que sempre foram protagonistas da alfabetização até ao ensino superior, reforcem a sua missão de educar cada pessoa na sua integralidade, isto é, cabeça, mãos, coração e alma. Que se pense aquilo que se sente e se faz; que se sinta aquilo que se pensa e se faz; que se faça aquilo que se sente e se pensa. A harmonia da integridade humana, isto é, toda a sua beleza desta harmonia.

Queridos irmãos e irmãs, agradeço-vos pela vossa participação e agradeço também a todos aqueles que, devido à pandemia, não puderam estar aqui presentes hoje. E agora convido-vos a um breve momento de silêncio para pedir a Deus que ilumine as nossas mentes, a fim de que o nosso diálogo seja frutuoso e nos possa ajudar a seguir com coragem os caminhos de novos horizontes educativos.

CARTA APOSTÓLICA SOB A FORMA DE UM “PROPRIO” MOTU DO PONTÍFICE SUPREMO

FRANCISCO “*TRADITIONIS CUSTODES*”

SOBRE O USO DA LITURGIA ROMANA ANTES DA REFORMA DE 1970

Como guardiães da tradição, os bispos, em comunhão com o Bispo de Roma, constituem o princípio visível e o fundamento da unidade em suas Igrejas particulares [1]. Sob a guia do Espírito Santo, por meio do anúncio do Evangelho e da celebração da Eucaristia, eles governam as Igrejas particulares a eles confiadas [2].

Para promover a concórdia e a unidade na Igreja, meus Veneráveis Predecessores, São João Paulo II e Bento XVI, com paternal solicitude para com aqueles que em algumas regiões aderiram às formas litúrgicas anteriores à reforma desejada pelo Concílio Vaticano II, concederam e regulamentaram a faculdade de usar o Missal Romano editado por São João XXIII em 1962. [3] Desta forma pretendiam “facilitar a comunhão eclesial para os católicos que se sentem ligados a algumas formas litúrgicas anteriores” e não a outras [4]. Na esteira da iniciativa de meus Veneráveis Predecessores, São João Paulo II e Bento XVI, concederam e regulamentaram o direito de usar o Missal Romano editado por São João XXIII em 1962.

Na esteira da iniciativa do meu Venerável Predecessor Bento XVI de convidar os bispos para um exame da aplicação do Motu proprio *Summorum Pontificum*,

três anos após sua publicação, a Congregação para a Doutrina da Fé realizou uma ampla consulta aos bispos em 2020, cujos resultados foram considerados à luz da experiência adquirida nestes anos.

Agora, em vista dos desejos expressos pelo episcopado e tendo ouvido o parecer da Congregação para a Doutrina da Fé, desejo, com esta Carta Apostólica, continuar ainda mais na constante busca da comunhão eclesial. Portanto, considere oportuno estabelecer o seguinte:

Art. 1. Os livros litúrgicos promulgados pelos santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex orandi* do rito romano.

Art. 2. O bispo diocesano, como moderador, promotor e guardião de toda a vida litúrgica na Igreja particular a ele confiada [5], tem o dever de regular as celebrações litúrgicas em sua diocese [6]. Portanto, é de sua exclusiva competência autorizar o uso do *Missale Romanum* de 1962 na diocese, seguindo as diretrizes da *Sé Apostólica*.

Art. 3. O bispo, nas dioceses em que até agora há a presença de um ou mais grupos celebrando de acordo com o *Missal* antes da reforma de 1970

§ 1. verifica que esses grupos não excluem a validade e legitimidade da reforma litúrgica, dos ditames do Concílio Vaticano II e do Magistério dos Sumos Pontífices;

§ 2. indica um ou mais lugares onde os fiéis pertencentes a estes grupos podem se reunir para a celebração da Eucaristia (não, porém, nas igrejas paroquiais e sem erigir novas paróquias pessoais);

§ 3. estabelece no local indicado os dias em que as celebrações eucarísticas são permitidas com o uso do *Missal Romano* promulgado por São João XXIII em 1962 [7]. Nestas celebrações as leituras devem ser proclamadas na língua vernácula, usando as traduções da Sagrada Escritura para uso litúrgico, aprovadas pelas respectivas Conferências Episcopais;

§ 4. nomear um sacerdote como delegado do bispo para ser responsável pelas celebrações e pelo cuidado pastoral de tais grupos de fiéis. O sacerdote será adequado para esta tarefa, será competente no uso do *Missale Romanum* antes da reforma de 1970, terá um conhecimento do latim que lhe permita compreender plenamente as rubricas e os textos litúrgicos, e será animado por uma viva caridade pastoral e um

sentido de comunhão eclesial. De fato, é necessário que o sacerdote responsável tenha no coração não apenas a celebração digna da liturgia, mas também o cuidado pastoral e espiritual dos fiéis.

§ 5. em paróquias pessoais canonicamente erigidas em benefício desses fiéis, ele deve realizar uma avaliação apropriada de sua utilidade real para o crescimento espiritual, e avaliar se deve ou não mantê-los.

§ 6. terá o cuidado de não autorizar o estabelecimento de novos grupos.

Art. 4. Os sacerdotes ordenados após a publicação do atual Motu proprio, que pretendem celebrar com o Missale Romanum de 1962, devem fazer um pedido formal ao bispo diocesano, que consultará a Sé Apostólica antes de conceder a autorização.

Art. 5. Os sacerdotes que já celebram de acordo com o Missale Romanum de 1962 pedirão ao bispo diocesano autorização para continuar a usar a faculdade.

Art. 6. Os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica estabelecidos pela Pontifícia Comissão Ecclesia Dei estão sob a competência da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

Art. 7. A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, em assuntos de sua competência, exercerá a autoridade da Santa Sé, supervisionando a observância destas disposições.

Art. 8. Todas as normas, instruções, concessões e costumes anteriores que não estejam em conformidade com as disposições do presente Motu proprio são revogados.

Tudo o que decidi por esta Carta Apostólica na forma de um Motu proprio, ordeno que seja observado em todas as suas partes, não obstante qualquer coisa em contrário, mesmo que digna de menção especial, e decido que seja promulgado através da publicação no jornal diário *L'Osservatore Romano*, entrando em vigor imediatamente, e depois seja publicado no Comentário oficial da Santa Sé, *Acta Apostolicae Sedis*.

Dado em Roma, em São João de Latrão, em 16 de julho de 2021, no Memorial litúrgico de Nossa Senhora do Carmo, o nono de Nosso Pontificado.

Franciscus

Referências:

[1] Cf. CONC. ECUM. IVA. II, Constituição Dogmática sobre a Igreja “Lumen Gentium”, 21 de novembro de 1964, n. 23: AAS 57 (1965) 27.

[2] Cf. ECUM. IVA. II, Constituição Dogmática. Sobre a Igreja “Lumen Gentium”, 21 de novembro de 1964, n. 27: AAS 57 (1965) 32; CONC. ECUM. IVA. II, Decreto sobre a Missão Pastoral dos Bispos na Igreja “Christus Dominus”, 28 de outubro de 1965, n. 11: AAS 58 (1966) 677-678; Catecismo da Igreja Católica, n. 833.

[3] Cf. JOÃO PAULO II, Litt. Ap. Motu proprio datae “Ecclesia Dei”, 2 de julho de 1988: AAS 80 (1988) 1495-1498; BENEDICT XVI, Litt. Ap. Motu proprio datae “Summorum Pontificum”, 7 de julho de 2007: AAS 99 (2007) 777-781; Litt. Ap. Motu proprio datae “Ecclesiae unitatem”, 2 de julho de 2009: AAS 101 (2009) 710-711.

[4] JOÃO PAULO II, Litt. Ap. Motu proprio datae “Ecclesia Dei”, 2 de julho de 1988, n. 5: AAS 80 (1988) 1498.

[5] Cf. ECUM. IVA. II, Const. sobre a Sagrada Liturgia “Sacrosanctum Concilium”, 4 de dezembro de 1963, n. 41: AAS 56 (1964) 111; Caeremoniale Episcoporum, n. 9; CONGREGAÇÃO PARA O CULTIVO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução sobre certas coisas a serem observadas e evitadas relativas à Santíssima Eucaristia “Redemptionis Sacramentum”, 25 de março de 2004, nn. 19-25: AAS 96 (2004) 555-557.

[6] Cf. CIC, cân. 375, § 1; cân. 392.

[7] CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Decreto “Quo magis” sobre a aprovação de sete novos prefácios para a forma extraordinária do Rito Romano, 22 de fevereiro de 2020, e Decreto “Cum sanctissima” sobre a celebração litúrgica em honra dos santos na forma extraordinária do Rito Romano, 22 de fevereiro de 2020: *L'Osservatore Romano*, 26 de março de 2020, p. 6.

CNBB: CARTA ABERTA À ALESP E AOS CIDADÃOS BRASILEIROS

CARTA ABERTA

P – Nº. 0325/21

Exmo. Sr. Deputado Estadual Carlão Pignatari,
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de
São Paulo, e cidadãos e cidadãs brasileiros



A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, nesta casa legislativa e diante do Povo Brasileiro, rejeita fortemente as abomináveis agressões proferidas pelo deputado estadual Frederico D'Ávila, no último dia 14 de outubro, da Tribuna da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Com ódio des-

controlado, o parlamentar atacou o Santo Padre, o Papa Francisco, a CNBB, e particularmente o Exmo. e Revmo. Sr. Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida. Feriu e comprometeu a missão parlamentar, o que requer imediata e exemplar correção pelas instâncias competentes.

Ao longo de toda a sua história de 69 anos, celebrada no dia em que ocorreu este deplorável fato, a CNBB jamais se acovardou diante das mais difíceis situações, sempre cumpriu sua missão merecedora de respeito pela relevância religiosa, moral e social na sociedade brasileira. Também jamais compactuou com atitudes violentas de quem quer que seja. Nunca se deixou intimidar. Agora, diante de um discurso medíocre e odioso, carente de lucidez, modelo de postura política abominável que precisa ser extirpada e judicialmente corrigida pelo bem da democracia brasileira, a CNBB, mais uma vez, levanta sua voz.

A CNBB se ancora, profeticamente, sem medo de perseguições, no seguinte princípio: a Igreja reivindica sempre a liberdade a que tem direito, para pronunciar o seu juízo moral acerca das realidades sociais, sempre que os direitos fundamentais da pessoa, o bem comum ou a salvação hu-

mana o exigirem (cf. *Gaudium et Spes*, 76).

Defensora e comprometida com o Estado Democrático de Direito, a CNBB, respeitosamente, espera dessa egrégia casa legislativa, confiando na sua credibilidade, medidas internas eficazes, legais e regimentais, para que esse ultrajante desrespeito seja reparado em proporção à sua gravidade – sinal de compromisso inarredável com a construção de uma sociedade democrática e civilizada.

A CNBB, prontamente, comprometida com a verdade e o bem do povo de Deus, a quem serve, tratará esse assunto grave nos parâmetros judiciais cabíveis. As ofensas e acusações, proferidas pelo parlamentar – protagonista desse lastimável espetáculo – serão objeto de sua interpelação para que sejam esclarecidas e provadas nas instâncias que salvaguardam a verdade e o bem – de modo exigente nos termos da Lei.

Nesta oportunidade, registramos e reafirmamos o nosso incondicional respeito e o nosso afeto ao Santo Padre, o Papa Francisco, bem como a solidariedade a todos os bispos do Brasil. A CNBB aguarda uma resposta rápida de Vossa Excelência – postura exemplar e inspiradora para todas as

casas legislativas, instâncias judiciais e demais segmentos para que a sociedade brasileira não seja sacrificada nem prisioneira de mentes medíocres.

Em Cristo Jesus,
“Caminho, Verdade e Vida”,
fraternalmente,

Brasília-DF, 16 de outubro
de 2021

*Dom Walmor Oliveira
de Azevedo*

Arcebispo de
Belo Horizonte-MG

Presidente

Dom Jaime Spengler
Arcebispo de Porto Alegre-RS

1º Vice-Presidente

Dom Mário Antônio da Silva
Bispo de Roraima-RR

2º Vice-Presidente

Dom Joel Portella Amado
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro-RJ

Secretário-Geral



VIDA DA ORDEM



MENSAGEM DO SANTO PADRE AOS PARTICIPANTES DO CAPÍTULO GERAL

Queridos irmãos!

Saúdo com afeto a vocês que participam do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores. Um pensamento grato dirijo a Frei Michael A. Perry, que completou seu serviço como Ministro Geral, e ofereço meus melhores votos ao Pe. Massimo Giovanni Fusarelli, que foi chamado para sucedê-lo. Estendo minhas saudações a todas as suas fraternidades espalhadas no mundo.

Por muitos meses, devido à pandemia, nos encontramos vivendo em situações de emergência, isolamento e sofrimento. Esta experiência crítica, por um lado, estimula a todos nós a reconhecer o quanto a nossa vida terrena é um caminho a percorrer como peregrinos e forasteiros, homens e mulheres itinerantes, dispostos a nos livrar de coisas e reivindicações pessoais. Por outro lado, é uma ocasião favorável para intensificar a relação com Cristo e com os irmãos: penso nas suas fraternidades, chamadas a serem humildes presenças proféticas em meio ao povo de Deus e testemunhas para todos de fraternidade e de vida simples e feliz.

Neste momento difícil e complexo, em que corremos o risco de permanecer “paralisados”, apesar de tudo, vocês experimentam a graça de celebrar o Capítulo Geral ordinário, e isso já é motivo de louvor e graças a Deus. Neste Capítulo, vocês propuseram “renovar sua visão, abraçar o futuro”. Orienta-lhes a palavra de São Paulo: “Desperta... e te iluminará Cristo”. (Ef 5, 14). E uma palavra de ressurreição, que os enraíza na dinâmica pascal, porque não há renovação e não há futuro senão no Cristo Ressuscitado. Com gratidão, portanto, vocês se abrem para acolher os sinais da presença e da ação de Deus e redescobrir o dom do carisma e da sua identidade fraterna e minorítica.

Renovar a própria visão: é assim que aconteceu com o jovem Francisco d'Assis. Ele mesmo atesta, contando a experiência que, em seu “Testamento”, coloca no início de sua própria conversão: o encontro com os leprosos, quando “o que era amargo se transformou em doçura de alma e corpo”. (Test 1-4). Na raiz de sua espiritualidade é este encontro com os últimos e com os que sofrem, num sinal de “fazer misericórdia”. Deus tocou o coração de Francisco através da misericórdia oferecida ao irmão, e continua a tocar os nossos corações através do encon-

tro com os outros, especialmente com pessoas mais necessitadas. A renovação da sua visão só pode começar a partir deste olhar com o qual contemplar o irmão pobre e marginalizado, sinal quase sacramental de presença de Deus.

Deste olhar renovado, desta experiência concreta de encontro com o próximo e com suas feridas, pode nascer energia renovada para olhar para o futuro dos irmãos e dos menores, como são vocês, segundo o belo nome de “frades menores”, que São Francisco escolheu para si e para vocês.

A força renovadora da qual necessitam provém do Espírito de Deus, daquela “santa operação” (Regra Bulada 10, 8) que é o sinal inequívoco de sua ação. Esse espírito, que transformou em doçura da alma e do corpo a amargura do encontro de Francisco com os leprosos, ainda opera hoje para dar novo frescor e energia a cada um de vocês, se se deixarem provocar pelos últimos de nosso tempo. Os encorajo a ir ao encontro dos homens e mulheres que sofrem tanto na alma como no corpo, para oferecer a sua presença humilde e fraterna, sem grandes discursos, mas fazendo sentir a sua proximidade de frades menores. Para ir em direção a uma criação ferida, a nossa casa comum, que sofre com a exploração distorcida dos bens

“A vida e a Regra dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Regra Bulada, I, I).

da terra para o enriquecimento de alguns, enquanto são criadas condições de miséria para muitos. Para ir em direção como homens de diálogo, tentando construir pontes no lugar de muros, oferecendo o dom da fraternidade e da amizade social em um mundo que luta para encontrar a rota de um projeto comum. Ir como homens de paz e de reconciliação, convidando aqueles que semeiam ódio, divisões e violência à conversão do coração, e oferecendo esperança às vítimas que nascem da verdade, da justiça e do perdão. Destes encontros, vocês receberam um impulso para viver mais e mais plenamente o Evangelho, segundo a palavra que é o seu caminho: “A vida e a Regra dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Regra Bulada, 1, 1).

Enquanto boa parte da Ordem enfrenta os desafios do declínio numérico e envelhecimento, não deixem que a ansiedade e o medo lhes impeçam de abrir corações e mentes para a renovação e para revitalização que o Espírito de Deus desperta em vocês e entre

vocês. Vocês têm um legado espiritual de uma riqueza inestimável, enraizada na vida evangélica e caracterizada pela oração, fraternidade, pobreza, minoridade e itinerância. Não esqueçam que um olhar renovado, capaz de se abrir ao futuro de Deus, o recebemos da proximidade com os pobres, com os últimos da escravidão moderna, com os refugiados e os excluídos deste mundo. Eles são seus professores. Devem abraçá-los como fez São Francisco!

Queridos irmãos, que o Altíssimo, Todo-Poderoso, Bom Senhor os façam ser e tornar-se cada vez mais testemunhas credíveis e felizes do Evangelho; lhes conceda levar uma vida simples e fraterna; os conduza pelas estradas do mundo a semear a semente da Boa Nova com fé e esperança. Por isso, rezo e os acompanho com a minha Bênção. E vocês também, por favor, não se esqueçam de rezar por mim.

Roma, São João do Latrão, 15 de julho de 2021

Tradução: Frei Clarêncio Neotti e Moacir Beggo

O CAPÍTULO GERAL DE 2021

De 3 a 18 do mês de julho de 2021, o Capítulo Geral reuniu os representantes de 119 países para avaliar o último governo e definir os rumos da Ordem no próximo sexênio, além de eleger o novo Ministro Geral e o seu Definitório.

Assim, na Itália, 116 lideranças e delegados da Ordem dos Frades Menores se reuniram no Colégio Internacional São Lourenço de Brindisi, para celebrar a diversidade de nossa fraternidade e a profundidade da vida evangélica. Este grande evento para a Ordem dos Frades Menores tem como tema “Renovemos nossa visão, abracemos nosso futuro”, e como inspiração bíblica Efésios 5, 14: “Desperta... e te iluminará Cristo”.

É necessário destacar que a nossa ordem é a única ordem religiosa que conseguiu realizar um Capítulo Geral durante o tempo de pandemia; e é a primeira vez na história que a OFM celebra um Capítulo Geral na casa de nossos irmãos Capuchinhos OFM.

Na missa de abertura, o Ministro Geral, Frei Michael Perry, falou sobre o significado mais profundo de um Capítulo: “Viemos a este evento sagrado do Capítulo Geral para entrar no mesmo tipo de experiência de que fala São Paulo em sua carta às co-

munidades cristãs mistas, judeus e gentios, em Éfeso, uma experiência de cura, de reconciliação, de ir além de nós mesmos, de recomençar como membros do único Corpo de Cristo”. Após a missa de abertura, foi realizada uma Cerimônia de Abertura ao lado da Plaza Mayor de San Lorenzo, com vista para as duas cruzes centrais, que simbolizam a Cruz de Cristo e a Cruz de Francisco.

Após a votação nominal e o juramento dos oficiais, reuniram-se as 12 Conferências da Ordem, seguindo-se a eleição dos moderadores e a nomeação dos escrutinadores. Os moderadores do Capítulo Geral de 2021 foram Frei Cesare Vaiani (língua italiana), Frei Manuel Corullón (língua

espanhola) e Frei Aidan McGrath (língua inglesa).

Os frades capitulares elegeram na manhã de terça-feira, 13 de julho, o novo Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, o italiano Frei Massimo Fusarelli. Ele ficará na função de Ministro Geral de 2021-2027.

A eleição foi presidida, segundo nomeação do Papa Francisco, pelo Cardeal brasileiro João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

No Capítulo Geral, também foram eleitos o Vigário Geral e os integrantes do Definitório Geral, que ficou constituído da seguinte maneira:

..... Ministro Geral: Frei Massimo Fusarelli

Vigário Geral: Frei Isauro Ulises Covili Linfati

DEFINITÓRIO GERAL

Definidores para América Latina – Frei César Kulkamp e Frei Joaquin Echeverry

Definidor para África/Oriente Médio – Frei Victor Luis Quematcha

Definidor para Ásia/Oceania – Frei John Wong

Definidor para Europa Central – Frei Albert Schmucki

Definidor para Europa Anglófona – Frei Jimmy Zammit

Definidor para Região Ibérica/Itália/Albânia – Frei Cesare Vaiani

Definidor para Região Eslávica – Frei Konrad Cholewa

CARTA DO MINISTRO GERAL PARA A SOLENIDADE DE SANTA CLARA

Vivamos segundo a perfeição do Santo Evangelho

Em 2021, recordamos os 800 anos da Regra não Bulada, um precioso texto que ainda nos fala, de maneira extraordinária, da inspiração evangélica de S. Francisco e, ao mesmo tempo, nos faz olhar para Santa Clara.

No prólogo lemos (RnB Prólogo 2):

Esta é a vida que Frei Francisco pediu do Senhor Papa lhe fosse concedida e confirmada; e ele a concedeu e a confirmou para ele e para os seus irmãos presentes e futuros.

E na conclusão escutamos:

Peço a todos os irmãos que aprendam a carta e o significado das coisas que nesta vida foram escritas para a salvação de nossa alma, e de chamá-la frequentemente à memória.

São Francisco fala de uma vida, a qual entrega aos seus irmãos e que encontra sua fonte e inspiração no *seguir o ensinamento e os rastros do Senhor, nosso Jesus Cristo (RnB 1,1)*.

A ligação que, na Regra não Bulada, amarra o **Evangelho à vida e a vida ao Evangelho** é constante em Francisco, que o propõe também a Clara e às suas irmãs em dois breves e intensos escritos:

Aquilo que nos une é, então, exatamente essa ligação entre vida e Evangelho, em que uma ilumina o outro e dele recebe inspiração contínua.

*Pois, por divina inspiração... tendes escolhido **viver segundo a perfeição do santo Evangelho**, quero e prometo de sempre ter a vós como meus irmãos, por meio meu e por meio deles, cuidado diligente e solicitude especial (Forma de vida 1-2).*

*Eu, Frei Francisco pequenino, quero **seguir a vida e a pobreza** do altíssimo Senhor nosso Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e perseverar nela até o fim. E vos peço, minhas senhoras, e vos aconselho que **vivais sempre nessa santíssima vida e pobreza** (Última vontade 1-2).*

É um conselho que Francisco dirige àquelas que ele chama de *minhas senhoras* e junto está o núcleo carismático que une, numa mesma forma de vida – vivida em modalidades e condições diferentes –, os irmãos e as irmãs. O Pobre promete ter cuidado diligente e solicitude especial pelas irmãs exatamente dentro dessa comunidade no carisma, que une irmãos e irmãs no sentido mais genuíno.

Se na Regra não Bulada tem confluído o percurso dos primei-

ros anos de experiência evangélica dos frades, sedimentando-se naquele texto através de um contínuo confronto entre a vida, que é movimento por definição, e a regra, que lhe fixa os fundamentos, Francisco sabe que Clara intui e vive essa circularidade de vida e Evangelho e a propõe sem medo.

Aquilo que nos une é, então, exatamente essa ligação entre vida e Evangelho, em que uma ilumina o outro e dele recebe inspiração contínua. Se for verdadeiro, de fato, que o Evangelho orienta a vida à conversão, é também verdadeiro que a vida nos ajuda a escutar a palavra evangélica no caminho sempre novo da existência, imersa na mudança da história.

A palavra *evangélica* ilumina e transforma a vida e é, por vez, iluminada pela palavra da vida dos varões e mulheres que encontramos, os pequenos e os pobres de nosso tempo, da criação e também de todos os que encontramos no caminho de busca do sentido e da verdade.

Temos necessidade de um pouco mais de vida verdadeiramente acolhida, vivida, amada, doada, partilhada a fim de acolher a palavra evangélica, sem a qual o livro de nossa existência permanece selado.

Não nos podemos embrulhar a nós mesmos na busca de nossa identidade franciscana clara, sem o confronto e o diálogo contínuo com o caminho na vida, nosso e de muitos outros, neste tempo único.

O Evangelho nos chama à conversão e acende em nós o chamado à radicalidade da fé, feito de busca da face do Senhor no seguimento de Jesus; o dom da vida chama-nos à radicalidade do dom de si mesmo como cifra decisiva para uma existência plena.

O seguimento radical de Cristo pobre e crucificado associou Francisco e Clara, no espaço de uma fraternidade vivida na minoridade e na pobreza, como a de quem renuncia a apoios e garantias.

O claustro de Clara vivido com suas irmãs em São Damião e

aquele de Francisco vivido com os seus irmãos nas estradas do mundo nos pedem de buscar juntos aquilo que verdadeiramente nos une e de ser, com a vida, palavra profética para nosso tempo.

Percebo profundamente que essa é nossa comum vocação na Igreja de hoje para o mundo, que Deus ama: escutar e acolher a palavra evangélica, para que a vida seja transformada e permita exprimir a força do Espírito que nela habita e a deseja levar rumo à sua plenitude, que é a vida eterna, o amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo, eterna dança aberta a todas as criaturas. E essa plenitude tem o nome de vidas libertadas e remidas, capazes por isso de tornar-se verdadeiramente fraternas e fermento de Fraternidade para muitas e muitos, hoje.

Caras Irmãs Pobres!

Nesta primeira mensagem que a vós dirijo com simplicidade, peço-vos de fazermos juntos esse percurso entre a vida e o Evangelho e custodiar-nos como irmãos menores, vossos irmãos, na confiança que é possível ainda hoje de viver nossa vocação, tão

[...] o dom da vida chama-nos à radicalidade do dom de si mesmo como cifra decisiva para uma existência plena.

bonita e carregada de esperança para este tempo.

Empenhar-me-ei em ter para convosco, em nome de São Francisco, aquele cuidado e solicitude que estão fundados na vida segundo o Evangelho, nossa comum e extraordinária vocação. Sejam memória uns para com as outras desse fogo.

Enquanto confio à vossa fiel intercessão o caminho de nossa Ordem, que no recente Capítulo Geral encontrou um ponto importante de inspiração e novo recomeço, prometo-vos de recordar-vos cada dia ao Senhor, para que nossas vidas sejam evangelizadas e transformadas pela potência do Espírito do Senhor e se tornem muita transparência de Sua Misericórdia.

A Virgem feita Igreja nos acompanhe neste caminho. Com minha fraterna saudação e abraço a todas vós, com a Bênção de São Francisco e o cuidado de Santa Clara.

Roma, 11 de agosto de 2021
Solenidade de Santa Clara

Fr. Massimo Fusarelli, OFM

Ministro Geral e Servo

CARTA DO MINISTRO GERAL E DEFINITÓRIO PARA A FESTA DE SÃO FRANCISCO

Renovemos nossa visão, abracemos nosso futuro

Queridos irmãos e irmãs!

Que o Senhor lhes dê paz!

Recentemente, nossa Ordem Franciscana celebrou seu Capítulo Geral e esta é a primeira vez que nos dirigimos a vocês como irmãos do Definitório Geral. Começamos nosso trabalho como Fraternidade Definidora e estamos estudando exaustivamente os mandatos e diretrizes que o Capítulo Geral nos confiou, para traçar as linhas-guia para a animação da Ordem durante o próximo sexênio. Esperamos fazer chegar a você estas propostas o mais rápido possível.

Entre fragilidade e mudança

Uma imagem franciscana que nos ajuda nesses tempos que vivemos é o regresso de Francisco da Terra Santa. Segundo algumas tradições, ele viveu um confinamento em uma pequena ilha da laguna de Veneza, onde experimentou a fragilidade de seu mundo, a crise da Fraternidade, suas lutas internas, um combate entre escuridão e desolação. No entanto, Francisco manteve uma resposta de gratidão, juntamente com uma visão fundada na esperança (cf. Rnb 23).

O presente nos desafia, nos coloca em situação de sobrevivência e vulnerabilidade.

Também hoje, a Ordem está dividida entre a esperança e o desânimo, entre o crescimento em algumas áreas e o declínio em outras. Nós nos movemos entre o caminho de renovação de nossa identidade de Frades Menores e o clericalismo que nos dá poder e segurança e nos faz acreditar que não temos necessidade de ninguém, afastando-nos de nossa vocação e missão de Frades Menores. Por isso, devemos deixar-nos tocar mais uma vez pelo lema do Capítulo Geral: “Levanta-te... e Cristo te iluminará (Ef 5,14)”.

Estamos em um momento de mudança, que envolve a todos, e também acreditamos que devemos nos colocar neste clima de profunda transformação, encontrando caminhos novos e positivos. Este não é apenas um desafio, mas, sim, um dom desses tempos em que vivemos. O presente nos desafia, nos coloca em situação de sobrevivência e vulnerabilidade.

É uma experiência profunda a de nossa existência que nos convida a caminhar, da melhor maneira, e a aprofundar no estilo

de vida que professamos, para que reconheçamos que às vezes nos esquecemos e não vivemos segundo a inspiração carismática que nos chama a ser Frades Menores. Sentir-nos vulneráveis nos permite reconhecer nossas fraquezas pessoais e fraternais e ir entre as pessoas com humildade, simplicidade e alegria.

Para nos animarmos e nos apoiarmos na esperança nesses tempos de mudança, fragilidade e vulnerabilidade, podem nos ajudar algumas atitudes:

Reconhecer e aceitar nossa fragilidade humana, na nossa fraternidade e no mundo que nos rodeia.

Reconhecer a bondade, a beleza, a justiça, os valores gravados nos corações dos homens e mulheres do nosso tempo, para crescer e desfrutar enquanto acompanhamos os outros em suas alegrias pelo que o Altíssimo está fazendo em suas vidas, famílias e comunidades, onde vivem e trabalham.

Ouvir o convite para mudar, para poder amar sem medo, iniciar processos de libertação e ir aos locais de fratura, onde a vida

sofre e grita com toda a sua força. Esses gritos sobem ao céu e Deus os ouve.

Alguns convites

No Documento Final do Capítulo Geral, há cinco convites que nos são propostos e que constituem um itinerário para todos nós: um convite à gratidão, um convite para renovar nossa visão, um convite à conversão e à penitência, um convite para missão e evangelização e um convite a abraçar o nosso futuro. Para nós, “Frades Menores”, tais convites não são opcionais, pelo contrário, apresentam-se como critérios necessários para perseverar em um caminho de fidelidade junto às cinco prioridades da Ordem conhecidas de todos.

Relendo esses cinco convites, como um itinerário, percebemos que somos chamados, a partir da gratidão pelos bens recebidos, a criar ação constante de agradecimento, e a restituir continuamente a Deus todos os bens. Entre esses bens, reconhecemos o crescimento

da Ordem em alguns continentes como África e Ásia e, por todas as partes, o testemunho sincero de tantos irmãos ao lado dos necessitados. Esta gratidão vem a partir do dom do Espírito, que renova nossa maneira de ver o mundo e sua história, reconhecendo os sinais dos tempos e a presença de Deus.

No entanto, para que seja verdadeira, esta visão renovada deve abrir nossos olhos à necessidade de conversão e penitência, para que verdadeiramente possamos renovar muitas de nossas atitudes que necessitam ser purificadas. As áreas que precisam de renovação e conversão são as de nossa vida fraterna e minoridade, já que, como diz o Documento Final do Capítulo, *fraternitas* e *minoritas* são os dois pulmões de nossa identidade. A fraternidade e a minoridade devem ser vividas, certamente, entre nós, em nossas comunidades, e sobretudo devem caracterizar-se por nossa proximidade com as pessoas que encontramos, para sermos irmãos

[...] um convite à gratidão, um convite para renovar nossa visão, um convite à conversão e à penitência, um convite para missão e evangelização e um convite a abraçar o nosso futuro.

e menores de todo o mundo. Os pobres e os que sofrem e os que vivem na necessidade são os destinatários privilegiados do nosso desejo de ser irmãos e menores, reconhecendo-os como nossos mestres (cf. CCGG 93§1). Como nos disse o Papa em sua mensagem ao Capítulo: “O olhar renovado, capaz de abrir-nos para o futuro de Deus, o recebemos de nossa proximidade com os pobres, as vítimas da escravidão moderna, os refugiados e os excluídos deste mundo. Eles são vossos mestres. Abraçe-os como fez São Francisco!”

Do olhar dos pobres e dos vencidos

Os irmãos capitulares nos convidam, dentro do contexto da pandemia que vivemos como humanidade, a fazer um esforço para ler a realidade, a história, a cultura, a economia e a Igreja desde o lugar onde vivem os pobres, os que não valem nada, os marginalizados. Assim, com um novo olhar profundo, crente, encarnado e teológico, podemos abraçar e deixar-nos abraçar pelos pobres e os desfavorecidos. Por isso precisamos purificar e transformar nossa visão, ao modo de Jesus, do *Poverello* de Assis e dos milhares de irmãos e irmãs que nestes 800 anos souberam se colocar no verso da história,

com uma verdadeira atitude franciscana.

Se nosso estilo de vida, que inclui uma certa busca de conforto, não é coerente com esta perspectiva, deveríamos reconhecer que aqui também precisamos de penitência e conversão.

Como São Francisco, isso nos abre o caminho da itinerância, para viver como “peregrinos e estrangeiros neste mundo” (Rb 6,2), livres para a missão e evangelização, como fraternidade contemplativa em missão, com o olhar fixo no futuro, dirigindo nossos passos para a outra margem, assim como Jesus convidou seus discípulos. Não devemos ter medo de seguir novos caminhos, respondendo às exigências de um mundo em constante mudança. Não podemos nos contentar em repetir o que sempre foi feito, com todo respeito a uma história que foi grande justamente porque soube se renovar constantemente ao longo de oito séculos.

Particularmente, nosso tempo requer uma atenção específica à “casa comum”, do ponto de vista da ecologia integral, segundo o que nos ensina o Papa Francisco. A novidade dessa perspectiva encontra-se no fato de ler de forma interconectada toda a realidade, desde a relação com Deus à atenção ao meio ambiente, ao compromisso pela justiça e paz, e cremos que este é um desafio de grande urgência para nós. Se nosso estilo de vida, que inclui uma certa busca de conforto, não é coerente com esta perspectiva, deveríamos reconhecer que aqui também precisamos de penitência e conversão. É importante ter presentes as Encíclicas papais *Fratelli Tutti* e *Laudato Si'*, que suscitam em nós a disponibilidade de nos colocarmos em caminho, a estudar e nos comprometermos com o bem da vida. Estas, além disso, são um sinal profético que mostra como é realmente possível um modo de viver e relacionar-se à luz do Evangelho e da práxis de São Francisco e Santa Clara, segundo o espírito que nos leva a ser bons administradores e não proprietários, a conviver e não acumular.

A esperança renasce quando aprendemos a não ter medo de recomeçar quantas vezes seja possível. Sigamos em frente todos juntos: atrás de nós há uma rica história, que nos próximos anos também celebraremos por meio dos centenários franciscanos, e diante de nós há um futuro que desejamos receber com esperança. Queremos oferecer ao nosso mundo uma palavra de confiança e esperança, da qual tem uma grande necessidade.

Convidamos todos os que se inspiram em São Francisco a optar por estar sempre grato Àquele que molda a vida de cada um de nós e de todas as pessoas que encontramos, de uma forma ou de outra, ao longo do caminho da vida e da história. Somos convidados a participar de forma responsável numa cultura de cuidado, garantindo que nossas fraternidades e todos os ambientes pastorais sejam saudáveis e importantes, onde nenhum sinta que sua vida, integridade e dignidade estejam ameaçadas.

Somos convidados a ser construtores de pontes de comunica-

A esperança renasce quando
aprendemos a não ter medo de
recomeçar quantas vezes seja possível.

Queremos estar ao lado de quem foi abandonado social, cultural e eclesialmente, igualmente com aqueles que são forçados pelas realidades econômicas e políticas a se tornarem migrantes, trabalhando ao lado de tantos homens e mulheres de boa vontade, assim como das organizações leigas verdadeiramente comprometidas com este fim.

ção e diálogo. Queremos estar ao lado de quem foi abandonado social, cultural e eclesialmente, igualmente com aqueles que são forçados pelas realidades econômicas e políticas a se tornarem migrantes, trabalhando ao lado de tantos homens e mulheres de boa vontade, assim como das organizações leigas verdadeiramente comprometidas com este fim. Assim, nossa vida franciscana será sempre uma vida de encarnação e compromisso fraterno e político com os bem-aventurados do reino de Deus (Mt 5,1-12. 25, 31-46).

Conclusão

Queridos irmãos e irmãs, não olhem para a Cúria Geral como um lugar distante: estamos aqui por

vocês e queremos estar perto de vocês. Faremos nossa parte para buscar o contato com vocês e com as Entidades da Família Franciscana e confiamos em sua vontade de entrar em contato conosco.

Seguindo o exemplo do Papa Francisco, que conclui seu discurso sempre pedindo para rezar por ele, também pedimos que vocês rezem por nós.

Com um abraço fraterno, desejamos uma boa Festa de São Francisco!

Ministro Geral e Irmãos Definidores

Roma 2021

Tradução livre: Setor de Comunicação da Província da Imaculada Conceição

IRMÃOS LEIGOS FRANCISCANOS DAS QUATRO OBEDIÊNCIAS

Irmãos Leigos Franciscanos das quatro obediências se reúnem de maneira remota para a quarta edição do encontro nacional

*Frei Tiago Santos da Silva, OFMCap
(Membro da Coordenação)*

No dia 6 de setembro de 2021, realizou-se o IV Encontro de Irmãos Franciscanos das quatro obediências – OFM, OFMCap, OFMConv e TOR. O último encontro aconteceu em 2019, em Lagoa Seca-PB.

O encontro deste ano aconteceu de forma *on-line* e teve como tema “Portadores de esperança: sinal da bondade e misericórdia de Deus”, tendo como pano de fundo as temáticas da pandemia – a encíclica *Fratelli Tutti*, o desafio das relações humanas e redes sociais e o contexto de polarização. Como lema, teve o número 27 da *Fratelli Tutti*: “Quem constrói um muro acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes” (FT, 27). Tivemos a participação de irmãos dos quatro ramos franciscanos e, mesmo a distância, o encontro foi satisfatório.

Na parte da manhã, contamos com apresentações de atividades dos confrades e saudações dos superiores gerais e presidentes de conferências. À tarde, fomos assessorados pelo Pastor Henrique

Vieira, da Igreja Batista do Rio de Janeiro, e de Moema Miranda, leiga da OFS e antropóloga. À noite foi aberta a discussão para os posicionamentos dos confrades, com seus questionamentos e contribuições.

O evento teve como objetivo primeiro nos proporcionar o encontro (“vivamos a cultura do encontro”, como nos pede o Papa Francisco). É significativo

nos escutarmos mutuamente: nossas histórias, nossos sonhos, projetos, desafios. Apoiamo-nos uns aos outros, nos entendemos, pois falamos a partir de um mesmo chão existencial-vocacional: somos simplesmente irmãos! E claro que tiramos daí uma força motivadora que nos põe em marcha na caminhada da vida e da fraternidade.

ELEIÇÃO DOS NOVOS GOVERNOS DAS ENTIDADES

Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil

Foi eleito no dia 19 outubro o novo governo provincial da Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil (GO/DF/TO). Assim, às 19 horas, na Capela do Seminário *Regina Minorum*, a Fraternidade Provincial elevou aos céus o “Te Deum” pelo governo eleito; e o Visitador Geral, Frei Gustavo, no exercício de suas atribuições, conferiu a posse ao novo governo provincial.

Ministro Provincial: Frei Carlos Antônio

Vigário Provincial: Frei Jair da Cruz

Definidores

- Frei Janilson Luis
- Frei Alex Oliveira
- Frei Wanderley
- Frei Ronildo Arruda

A Fraternidade Provincial esteve reunida no Seminário Regina Minorum, em Anápolis, Goiás, e contou com a participação de 34 capitulares vogais, tendo como Visitador Geral o Frei Gustavo Medella, OFM. Frei Carlos proferiu suas primeiras palavras mani-



festando a sua alegria em poder servir e cuidar dos frades, no mesmo espírito de São Francisco, que como ministro desejava beijar os pés dos irmãos.

Custódia do Sagrado Coração de Jesus

Desde a segunda-feira (22 de novembro), reunidos em Capítulo Custodial na Casa de Retiro Dom Luis, em Brodowski-SP, os frades da Custódia Franciscana do Sagrado Coração de Jesus, presentes no interior de São Paulo, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, elegeram na quarta-feira, 24 de novem-

bro, o novo governo da Custódia para o triênio 2022-2024.

Custódio: Frei Fernando Aparecido dos Santos, OFM

Vigário Custodial: Frei Valmir Ramos, OFM

Conselheiros

- Frei José Aécio de Oliveira Filho, OFM
- Frei Sérgio Ferreira Cintra, OFM
- Frei Lucas Lisi Rodrigues, OFM
- Frei Valdemir Nelo Rufino, OFM

“Em tempos de crises, abracemos o futuro: somos todos irmãos, não tenhais medo!” é a temática

que norteia o Capítulo, junto com o lema, retirado do Evangelho de São Lucas: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele!” (Lc 10, 33-34). Es-tiveram reunidos neste Capítulo da Fraternidade Custodial 43 frades, sendo 39 capitulares e 4 frades de profissão temporária.

O Visitador Geral eleito que conduziu este processo foi Frei Wanderley Gomes de Figueiredo, OFM, frade da Custódia Francis-cana das Sete Alegrias de Nossa Senhora (MT e MS).



Da esquerda para a direita: Frei Valdemir Nelo Rufino, OFM (Conselheiro), Frei José Aécio de Oliveira Filho, OFM (Conselheiro), Frei Valmir Ramos, OFM (Vigário Custodial), Frei Fernando Aparecido dos Santos, OFM (Custódio), Frei Sérgio Ferreira Cintra, OFM (Conselheiro) e Frei Lucas Lisi Rodrigues, OFM (Conselheiro)

Província da Imaculada Conceição

Na tarde desta segunda-feira, 29 de novembro, os frades capitulares presentes no Seminário Santo Antônio de Agudos – 110 professos solenes votantes – elegeram o novo Vigário Provincial e os seis Definidores que formarão o novo governo da Província da Imaculada Conceição para o próximo sexênio (2022-2027), com

o Ministro Provincial Frei Paulo Roberto Pereira.

A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, que neste ano completou 346 anos, tem um novo Ministro Provincial. Frei Paulo Pereira, aos 53 anos, foi eleito em segundo escrutínio, com 56 votos, em sessão capitular no Seminário Santo Antônio de Agudos (SP), que começou às 15h05 deste sábado, 27 de novembro.



Da esquerda para a direita: Frei Robson Luiz Scudela, Frei João Francisco, Frei Gustavo Medella, Frei Paulo Roberto, Frei Marco Andrade, Frei Daniel Dellandrea, Frei Alex Ciarnoscki e Frei Fidêncio Vanboemmel



Ministro Provincial: Frei Paulo Roberto Pereira

Vigário Provincial: Frei Gustavo Medella

Definidor:

- Frei Daniel Dellandrea
- Frei João Francisco da Silva
- Frei Robson Luiz Scudela
- Frei Alex Ciarnoscki
- Frei Marcos Antônio Andrade
- Frei Fidêncio Vanboemmel



VIDA DA PRO VÍNCIA



ORDENAÇÕES, PROFISSÕES E INSTITUIÇÕES

Ordenação presbiteral de Frei Ademilson Salvino dos Santos, OFM

No dia 15 de agosto de 2021, às 10h30min, na Igreja Matriz de São Bernardo de Claraval, em Alcobaca-BA, pela graça de Deus, Frei Ademilson Salvino dos Santos foi acolhido na ordem dos presbíteros pela imposição das mãos e prece de ordenação de Dom Jailton de Oliveira Lino, bispo da Diocese de Teixeira de Freitas-Caravelas, para o serviço de Deus e da Igreja.

Como ainda estamos vivendo neste tempo de pandemia do novo coronavírus, a celebração foi restrita a poucos familiares e alguns confrades. Essa situação delicada impediu nosso confrade de convidar muitas pessoas queridas e que fizeram e fazem parte da sua vida e história. Diante dessa realidade, a celebração foi transmitida pelas redes sociais, no Facebook da *Vocação Franciscana OFM* e no perfil da Pastoral Vocacional Franciscana no Instagram.

Frei Ademilson nasceu em 1º de maio de 1991, na cidade de Alcobaca (Diocese de Teixeira de Freitas-Caravelas). É filho de Maria D'Ajuda dos Santos Salvino e Romildo Jesus dos Santos. Entrou na Or-

dem dos Frades Menores em 29 de novembro de 2011, professando solenemente os votos em 2 de fevereiro de 2017.

Atualmente, Frei Ademilson reside no Guardianato Nossa Senhora de Lourdes, em São João del-Rei, onde desempenha as funções de ecônomo de guardianato e integra a equipe de animação da JUFRA.



Ordenação presbital de
Frei Ademilson Salvino
dos Santos, OFM

Ordenação presbiteral de Frei Marco Antonio Abrêu Lomar, OFM

*Frei Eduardo Vely de
Mesquita, OFM*

A vocação para o ministério presbiteral é um dom na vida da comunidade cristã. Por meio da oração da Igreja, pela imposição das mãos e pela unção com o óleo do Santo Crisma, confere-se e atualiza-se a missão confiada aos apóstolos pelo próprio Jesus: “Ide e anuncia o Evangelho a toda Criatura” (Marcos 16,15).

De modo muito especial para a Ordem Franciscana, o ministério presbiteral é visto pelo viés e pela ótica do “serviço”. O presbítero é alguém que se coloca à disposição da fraternidade e da Igreja no peculiar dinamismo de seu ofício. Dessa forma, sem perder o chamado à minoridade, o frade consagrado ao ministério presbiteral responde ao Senhor, que concede e distribui a todos o Dom precioso, que é o seu Santo Espírito. Pois, para a edificação da sua Igreja, ele chamou alguns para serem apóstolos, outros para profetas ou para evangelistas, para pastores e mestres (Cf. Efésios 4,11-12).

Dessa forma, recebendo o ministério presbiteral, para seguir mais de perto o Cristo Jesus, Frei

Marco Antonio Abrêu Lomar decidiu deixar-se guiar pelas palavras do Senhor, que diz: “Se alguém quer servir a mim, vem e segue-me” (João 12,26). Sua resposta é tal que imita a convicção de São Francisco ao dizer: “É isto que eu quero, é isto que eu desejo fazer do íntimo do meu coração” (1Celano 22,3).

Para rezar e celebrar o dom da vocação, a cidade de Muqui, no Espírito Santo, terra pátria de Frei Marco Antonio, recebeu, com ele próprio, alguns confrades que realizaram o Tríduo Vocacional em preparação para a sua ordenação presbiteral. Dos dias 7 a 9 de outubro de 2021, presidiram a eucaristia, respectivamente, os frades Frei Ademilson Salvino, Frei Célio Alex e Frei Eduardo Vely.

A cidade de Muqui fica localizada ao sul do estado do Espírito Santo. O nome do município é de origem indígena e significa “entre morros”, provavelmente devido ao relevo topográfico que marca o perímetro urbano. A paróquia de São João Batista de Muqui completa 97 anos e atualmente está confiada aos frades agostinianos Recoletos (OAR) da província de Santo Tomás de Vilanova.

A ordenação presbiteral de Frei Marco Antônio Abrêu Lomar foi celebrada com festividade por toda a paróquia. Mesmo com as



Ordenação presbiteral de Frei Marco Antonio Abrêu Lomar, OFM

restrições impostas pela pandemia, o espírito alegre e celebrativo foi sentido pelos confrades e visitantes.

A data escolhida foi o XXVIII domingo do Tempo Comum, 10 de outubro de 2021, às 9 horas. O arcebispo metropolitano de Vitória, D. Frei Dario Campos, presidiu a missa de ordenação.

A liturgia do dia orbitava em torno do evangelho de Marcos 10,17-30, em que Jesus faz o convite ao homem rico: “Vem e me segue”. Este também foi o principal enfoque da homilia proferida por D. Dario.

“A liturgia da palavra de hoje nos propõe uma reflexão sobre o chamado ao discipulado e a necessidade de uma resposta profunda e constante. O texto do evangelho de Marcos tem início com a descrição do encontro e do diálogo de Jesus com alguém que vem. Jesus, depois de escutá-lo atentamente, olhou para ele olhou com amor e lhe apresentou um caminho mais profundo de seguimento e discipulado. É possível imaginar o olhar profundo e amoroso de Cristo, que atingiu esse homem, fazendo com que todos os recantos de seu coração e de

sua vida fossem iluminados. Meus irmãos e irmãs, esta experiência de ser marcado pelo amor do Senhor é condição fundamental para o início do caminho vocacional. Todavia, apesar de ter recebido tamanho amor e tamanho carinho, presentes no olhar do mestre, ele não foi capaz de reconhecer o tesouro que tinha diante de si. Afastando de si aquele que o convidava ao segmento, abaixou a cabeça e se foi em silêncio.

Na mesma direção do Evangelho, a segunda leitura ressalta a Força Viva da Palavra de Deus, que é capaz de atingir os corações e direcionar a vida de todos. Quem a ela se abre se encontra com Cristo. Assim, diante da Palavra de Deus, todos os corações estão descobertos e todas as intenções são conhecidas. Nada permanece escondido diante da sua luz.

Por fim, gostaria de ressaltar a descrição da sabedoria como maior tesouro que o homem deve buscar e pode encontrar durante toda a sua vida. Na primeira leitura, o autor do livro diz que quem deseja agradar ao Senhor e viver em sua presença deve acima de tudo pedir o dom da sabedoria.

Segundo o apóstolo Paulo, Ele é capaz de mover os corações. Todavia, para que isso aconteça, é necessário que tenhamos

a coragem de dar uma resposta positiva e acolher a construção do Reino de Deus. Não somente com o sim passageiro, mas renovados cotidianamente, a fim de que, aos pés do mestre, sejamos formados a cada dia, a cada instante, a cada momento, através da oração e da ação.

Frei Marco, seja muito feliz no seu ministério. Comunique a alegria do Evangelho a todos os que você encontrar ao longo de toda a sua vida de presbítero, como nos propõe o nosso querido Papa Francisco. Que você seja sempre anunciador do amor, da alegria e da paz, como filho de Francisco de Assis. Que a Virgem Maria interceda a seu filho por você!” Estas foram algumas das palavras do Arcebispo de Vitória direcionadas a Frei Marco Antonio e à assembleia presente.

O rito de ordenação seguiu as palavras da homilia e, após a imposição das mãos e da oração consagratória, a mãe de Frei Marco Antonio, dona Ediras Abrêu, entrou processionalmente pela nave da Igreja portando a casula e a estola que foram impostas sobre o ordenando pelos frades Frei Ademilson e Frei Eduardo. Com o término da unção das mãos, o neopresbítero deu a primeira bênção à sua mãe, e suas irmãs, Maria das Graças e Madalena, realizaram a

procissão das oferendas trazendo o cálice e a patena com os dons do pão e do vinho.

Após a liturgia eucarística, Frei Marco Antônio proferiu os seus agradecimentos com palavras emocionadas. Primeiramente ele agradeceu a Deus, que o chamou, sustentou e o sustentará na vocação franciscana e no ministério presbiteral. Ele seguiu agradecendo a sua família, em especial à mãe e às irmãs, que o criaram e educaram desde criança. Também aos demais familiares, amigos e conterrâneos, que tiveram um papel especial no discernimento vocacional de nosso confrade. Por fim, o neopresbítero agradeceu à Província de Santa Cruz por tê-lo acolhido e formado. Em suas palavras de gratidão, ele chegou a dizer que os formadores e professores foram fundamentais para consolidar o caráter franciscano que ele expressa hoje.

Encerrando a celebração, D. Frei Dario Campos deu a bênção solene sobre o ordenando, e este, por sua vez, sobre toda a assembleia. Na ocasião, o pároco, Frei Jonas Gusson, OAR, convidou a todos os presentes para participarem do almoço festivo nas dependências da paróquia.

Na noite daquele mesmo dia, o confrade ainda presidiu a sua primeira eucaristia na igreja matriz de São João Batista de Muqui. Na celebração, Frei Vicente Paulo proferiu a homilia, destacando pontos da liturgia da palavra e do ensejo festivo.

Ordenação Diaconal de Frei Agmar Roberto Ferreira e Frei Carlos Alexandre da Silva Lima

No dia 20 de novembro de 2021, na Igreja São Geraldo, em Divinópolis-MG, nossos confrades Frei Agmar Roberto Ferreira e Frei Carlos Alexandre da Silva Lima foram ordenados diáconos pela imposição das mãos de Dom José Carlos de Souza Campos, bispo da Diocese Divinópolis-MG, e pela oração da Igreja para o serviço do Povo de Deus.

A celebração ocorreu às 19 horas, com presença de familiares, amigos e do povo de Deus, que celebraram, com alegria, esse momento importante na vida de nossos confrades. Frei Agmar e Frei Carlos escolheram, como lema para esse momento, um trecho do Evangelho de João: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (Jo 13,14). Que esse ensinamento presente no Evangelho de João também esteja constantemente presente no coração de nossos confrades.



Ordenação Diaconal de Frei Agmar Roberto Ferreira, OFM e Frei Carlos Alexandre da Silva Lima, OFM

Frei Jhonatan de Jesus Luiz é instituído acólito

Na noite de 19 de agosto, durante a celebração eucarística presidida pelo Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, Frei Jhonatan foi instituído no Ministério do Acólito.

Ao acólito é confiada a missão de auxiliar os presbíteros e diáconos no desempenho de suas funções, bem como distribuir a sagrada Comunhão aos fiéis, mesmo enfermos, como ministro extraordinário.



Frei Jhonatan sendo instituído
no Ministério do Acólito.

ENCONTROS E OUTROS EVENTOS

Encontros de faixa etária

No segundo semestre, foram retomados os encontros presenciais das faixas etárias, que aconteceram na Casa “Arca de Noé”, em Guarapari-ES.

O encontro da faixa etária 5 foi realizado nos dias 30 de agosto a 2 de setembro.

De 12 a 18 de setembro, aconteceu o encontro da faixa etária 4. Frei Vicente Ronaldo, OFM, moderador da Formação Permanente, acompanhou o grupo nos estudos em torno do tema do Capítulo Provincial a ser realizado em janeiro próximo: “Todos vós sois irmãos: testemunho de esperança para o nosso tempo”.

Já o encontro da faixa etária 6 aconteceu de 10 a 15 de novembro.



Faixa etária 4



Faixa etária 5

Encontro vocacional franciscano

O encontro vocacional franciscano aconteceu de 8 a 12 de outubro, no convento Santa Maria dos Anjos, em Betim, acolheu seis jovens que buscam responder ao chamado à vida consagrada.

Os encontros vocacionais têm como objetivos levar o jovem vocacionado a vivenciar um pouco da experiência do carisma franciscano de vida em fraternidade, de oração, de partilha, de conhecimento da Ordem dos Frades Menores e da Província Santa Cruz, e ajudar no seu discernimento vocacional.



Encontro Vocaional
Franciscano

Encontro de lideranças pastorais

Com o objetivo de conhecer e aprofundar a missão evangelizadora da Província Santa Cruz, o Secretariado de Missão e Evangelização promoveu, com as paróquias franciscanas e frentes de evangelização, encontros com as lideranças pastorais para apresentar as “Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Santa Cruz” e as prioridades capitulares para o triênio (2019-2021).

Com esse objetivo, aconteceram diversos encontros com as lideranças das paróquias no segundo semestre de 2021. No Santuário Santo Antônio, em Divinópolis, no dia 8 de julho; na Paróquia Santa Isabel, em Betim,

no dia 25 de setembro; na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Aimorés, em 28 de agosto.

Diaconia missionária – assembleia diaconal

A assembleia diaconal aconteceu no último domingo, 14/11/2021, na cidade de Boa Vista. Estavam presentes representantes das 21 comunidades da Área Missionária. O evento se iniciou às 7h da manhã com missa presidida pelo Frei José Aguinaldo Querobino, OFM.

No momento reflexivo, após a missa, foi abordado o tema: Liderança, relações fraternas e trabalho em comunidade. Foi um importante momento de troca e aprendizado.



Diaconia missionária - Assembleia diaconal

Seguindo a programação, cada comunidade apresentou pontos de avaliação da caminhada de 2021 e perspectivas para 2022. Houve também a prestação de contas realizada pelo Conselho para Assuntos Econômicos (COPAE), a eleição da Secretaria Executiva do Conselho Pastoral Diaconal (SECPAD) e os avisos.

Antes do encerramento da assembleia diaconal, o grupo de articulação fez uma reflexão final como forma de agradecer pela caminhada no colegiado e pelas oportunidades de aprendizado.

“Sou missionário, sou povo de Deus. Sou índio, caboclo, mestiço fazendo da vida a missão; aqui nesta grande tapera da Igreja Amazônica sou mensageiro de um Deus que é irmão.”

Encontro Cultural Franciscano em Divinópolis

*Informações de Mauro
Eustáquio Ferreira*

A celebração eucarística, presidida por Frei Vicente Ronaldo da Silva, OFM, abriu, às 19h30min do domingo, 7 de novembro, o XVIII Encontro Cultural Franciscano, com a participação do Coral da Dejanira, com a regência de Rubens Mimoso; na missa foi abordado o lema “O apostólico Domingos e o seráfico Francisco ensinaram-

-nos a Lei do Senhor”. A cerimônia aconteceu no Santuário de Santo Antônio, em Divinópolis-MG.

A 18ª edição do Encontro Cultural Franciscano enfocou vários assuntos durante os dias 7 e 11 de novembro, mas o enfoque principal foi “Mendicantes evangélicos e educação libertadora”, em que sobressaem os ideais de São Domingos e São Francisco de Assis; o primeiro fundou a ordem religiosa dos dominicanos, e o segundo criou a ordem dos franciscanos. Foram subtemas os centenários de nascimento dos educadores Frei Carlos Josaphat, OP, prof. Nicolaas Plasschaert e prof. Paulo Freire, além da lembrança de Frei Bernardino Leers, OFM, e de Peetrônio Bax.

Às 19h30min da segunda-feira, dia 8, na galeria da Câmara Municipal de Divinópolis foi aberta a exposição de obras de Bax com ênfase na educação por meio de suas cores e versos, com curadoria de Simone de Carvalho Bax, sob a coordenação de Flávio Ramos, presidente da Academia Divinopolitana de Letras (ADL); o palestrante da noite foi o acadêmico Fernando de Oliveira Teixeira.

No dia 9, terça-feira, às 19h30min, no Centro Franciscano de Formação e Cultura (CFFC), aconteceu a palestra de Lílian Contreira e Sandra Tosta em co-

memoração ao centenário de Frei Carlos Josaphat e Paulo Freire, educadores para a liberdade, com a coordenação de José Heleno Ferreira; a apresentação artística foi de Marina Gomes.

Na quarta-feira, 10 de novembro, às 17h, houve o lançamento da pedra fundamental da Biblioteca Prof. Nicolaas Plasschaert, da Universidade de Minas Gerais (Uemg), no Campus Divinópolis. Às 19h30min, no Centro Franciscano de Formação e Cultura (CFFC) foi ministrada a palestra: “Comemoração do centenário do prof. Nicolaas Plasschaert”, por Frei Celso Márcio Teixeira e Lúcia Plasschaert. A apresentação artística foi do Opus Quinteto, formado por Lou Petrus, Aulus Mourão, Sérgio de Castro, Paulo Ribeiro e Eduardo Laudares. A coordenação foi de André Amorim Martins, vice-diretor da Universidade de Minas Gerais (Uemg), *campus* Divinópolis.

O encerramento do encontro aconteceu na quinta-feira, 11 de novembro, às 19h, com a celebração eucarística, lembrando o “Mestre dos Mestres”, Jesus de Nazaré libertador, e rezando pelos mestres da educação libertadora e pelo centenário do mestre sapateiro Geny José Ferreira. Logo após houve lançamento e venda de livros de Frei Bernardino Leers



e de Frei Carlos Josaphat, com a participação da Folia do Divino Quincas Tavares, no Santuário de Santo Antônio.

O XVIII Encontro Cultural Franciscano é promovido pelo Centro Franciscano de Formação e Cultura (CFFC), com apoio da Paróquia de Santo Antônio, Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) – Campus Divinópolis, Câmara Municipal de Divinópolis, Academia Divinopolitana de Letras (ADL), Gráfica do Colégio Santo Antônio (Belo Horizonte) e Hospital Santa Lúcia. Compuseram a comissão organizadora do evento: Frei Agmar Roberto Ferreira, OFM, Frei Leonardo Lucas Pereira, OFM, Rosana Laudares e Mauro Eustáquio Ferreira.

Vale recordar que o material de divulgação do XVIII Encontro foi ilustrado com a pintura de “São Francisco e São Domingos”, detalhe do painel central de Frei Humberto Randag, OFM, sob a técnica de têmpera à caseína, no Santuário de Santo Antônio, de Divinópolis, em foto de Fernando Laudares.

Reunião de ecônomos e guardiães

Aconteceu, no dia 26 de novembro, o encontro de ecônomos e guardiães da Província Santa Cruz. Nesse encontro, realizado de forma remota, os frades analisaram o “Guia Administrativo” e o “Guia do Empregado”.

O “Guia Administrativo”, além de conter uma versão atualizada do guia de classificação de receitas e despesas de nosso balançete *on-line*, estabelece processos para um controle patrimonial eficiente, apresenta de forma clara e objetiva as principais rotinas trabalhistas e, por fim, oferece orientações básicas para a contratação e pagamento de prestadores de serviços autônomos. Já o “Guia do Empregado” partilha as nossas crenças e nossos princípios com os empregados. Além disso, apresenta orientações que regem o nosso trabalho, informa a respeito da espiritualidade fran-

ciscana e sumariza as disposições normativas que regulam o vínculo empregatício.

Reunião de treinamento sobre a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)

No dia 29 de novembro, de forma remota, aconteceu a reunião de treinamento sobre a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Para essa atividade, foram convidados todos os frades da Província Santa Cruz.

Iniciada a reunião e feita a leitura da matéria constante da Ordem do Dia, foi apresentado, pelo Encarregado de Dados e membro do Comitê de Privacidade da Província Santa Cruz, Vinícius Alexandre Simon Braga de Sousa, um treinamento a respeito de conceitos básicos e fundamentos da LGPD. Além disso, foi realizado um alinhamento sobre aspectos do projeto de adequação que está em curso na Província Santa Cruz.

Na ocasião foi ressaltada a importância de se criar uma cultura de proteção de dados na organização, tendo a privacidade como uma prática padrão em qualquer atividade realizada que envolva dados pessoais. Com relação ao projeto de adequação em si, foi apresentado pelo Sr. Vinícius o panorama geral das atividades

que compõem o projeto e os pontos já realizados. Além disso foi disponibilizada uma cartilha que visa consolidar informações importantes acerca da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709 – “LGPD”), que entrou em vigor em setembro de 2020.

Retiro anual da Fraternidade Santa Maria dos Anjos e Rivotorto

Frei João Bosco Resende, OFM

Os frades da Fraternidade Santa Maria dos Anjos, juntamente com a Fraternidade Rivotorto, programaram seu retiro anual na fraternidade localizada em Areias de Baixo, Ribeirão das Neves, de 2 a 6 de julho.

O tema escolhido foi *A Espiritualidade na Economia de Fran-*

cisco e Clara. Foram convidados a srta. Marina Paula Oliveira, de Brumadinho, formada em Relações Internacionais, e Dom Vicente de Paula Ferreira, Bispo da Arquidiocese de Belo Horizonte, referencial da região episcopal Nossa Senhora do Rosário.

O retiro aconteceu no espaço físico onde está o CEBI, um imóvel ao lado da residência dos frades da Fraternidade Rivotorto. A estrutura do prédio, com muitas dependências, acolhe pessoas para encontros agendados previamente. É muito simples, isolado do barulho, o que favorece um retiro num clima de silêncio próprio para oração e meditação.

Como ponto de irradiação, Marina iniciou sua exposição a partir do desastre ambiental



Retiro anual da Fraternidade Santa Maria dos Anjos e Fraternidade Rivotorto

ocorrido em Brumadinho em 25 de janeiro de 2019. Utilizou-se como pano de fundo e linhas de ação a justiça social e a criação no documento *Evangelii Gaudium*; as famílias nas suas culturas, o magistério da igreja, no documento *Amoris Laetitia* e amizade social, melhor política, religiões em diálogo, consciência do mundo, coração aberto e a esperança, no documento *Fratelli Tutti*.

Intercalando as dinâmicas nas exposições, Marina e Dom Vicente aprofundaram o tema em questão, provocando muito os frades quanto às plataformas de morte e de vida presentes nas grandes estruturas sociais, civis e religiosas. Não obstante as oposições que se aguçam, não podemos perder a esperança que nos propõe o Papa Francisco.

Afuniladas as linhas de forças extraídas nas reflexões, foi-nos pedido, em reunião de três grupos separados, que cada grupo fizesse planos de ação a serem executados na prática, sob a luz da Economia de Francisco e Clara, baseado nos três documentos.

No fechamento do retiro, tivemos um sarau na área do CEBI e uma recreação com churrasco na residência Rivotorto.

Retiro da Fraternidade São Francisco das Chagas

Os frades da Fraternidade São Francisco das Chagas, situada no bairro Carlos Prates, em Belo Horizonte, realizaram, nos dias 5 a 9 de julho, seu momento de reflexão e oração em um retiro realizado no Recanto Monsenhor Domingos,



Retiro da Fraternidade São Francisco das Chagas

em Caeté, aos pés da Serra da Piedade.

O Recanto Monsenhor Domingos, da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, também é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural aprovada por unanimidade pelo Conselho de Política Ambiental do Estado de Minas Gerais (Copam) e pela Câmara de Proteção à Biodiversidade e de Áreas Protegidas (CPB). Trata-se de uma contribuição direta da Congregação para a conservação de paisagens, biodiversidade e recursos ambientais essenciais, como as nascentes de água da região.

O retiro foi assessorado pelo Frei José Francisco de Cássia dos Santos, frade franciscano da Província da Imaculada Conceição e

coordenador do Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS), uma organização humanitária que luta todos os dias no combate à fome, a violações de direitos e inserção econômica e social de populações extremamente vulneráveis.

O fio condutor do retiro foi a Encíclica *Fratelli Tutti*. Frei José fez pontuações referentes a esse documento importante e convidou os frades à oração e à reflexão.

Retiro das fraternidades Beato Duns Scotus e São Boaventura

*Frei Carlos Alexandre da
Silva Lima, OFM*

De 1º a 5 de julho, as fraternidades Beato Duns Scotus e São Boaventura recolheram-se para



Retiro das fraternidades Beato Duns Scotus e São Boaventura

realizar um retiro espiritual no espaço Retiro das Rosas, no distrito de Cachoeira do Campo.

O tema do retiro foi “A vida segundo o Santo Evangelho e a minoridade”, assessorado pelo presbítero Ênio Marcos de Oliveira, da Diocese de Leopoldina.

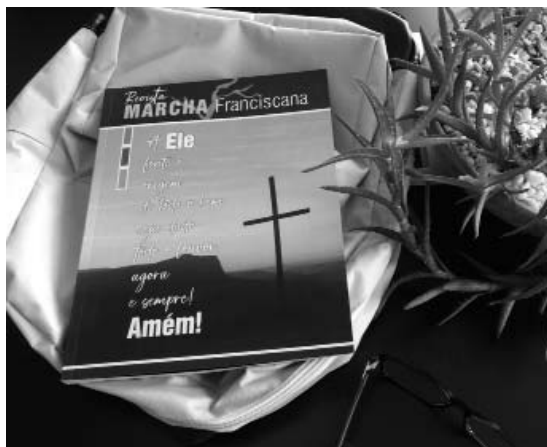
Foi um momento oportuno para aprofundar a riqueza do nosso carisma franciscano na busca do diálogo e na construção de uma sociedade transformadora como sonhou nosso Pai Seráfico. Francisco, em sua minoridade e sua vida pautada no Evangelho, ensina os seus filhos a serem homens abertos ao diálogo. É o esvaziamento de si para o acolhimento do outro.

Lançamento da Revista da Marcha Franciscana

Por Laci Santos

No dia 6 de novembro 2021, no Convento Santa Maria dos Anjos, às 17h, aconteceu o lançamento da *Revista da Marcha Franciscana* (138 páginas), na sua primeira edição. A revista está distribuída em três grandes seções: *Reflexões*, *Recordações* e *Escrivivências*. O “*escrivivências*” é um termo atual cunhado pela escritora contemporânea, romanista, poeta e contista Conceição Evaristo.

A revista conta a história da Marcha Franciscana, que acontece desde 2000, na Região da Serra da Canastra. No início, temos cinco artigos escritos, com muito esmero e pesquisados amplamente, por educadores multidisciplinares para auxiliar o leitor nas reflexões. Além disso, uma linha do tempo com registro fotográfico acompanha as recordações que proporcionam um retorno saudosista aos lugares pelos quais a marcha acontece. Por fim, as *escrivivências* fazem jus ao termo, aflorando histórias que valorizam o coletivo.



No evento, fizeram-se presentes presenças significativas para a história da Marcha Franciscana, amigos e amigas de Capitólio, São Paulo, Bambuí, Itaúna, Betim, Belo Horizonte. A educadora e estudiosa Patrícia do Prado, que escreveu o artigo sobre “Contemplação”, e

muitos frades franciscanos, que auxiliaram na construção do evento, também se fizeram presentes. O evento contou com presença de mais de 50 pessoas.

No evento de lançamento, foi composta uma mesa para a realização dos trabalhos com Nalva Flores, Zenaide, Thiago Flores, Maria Joventina e Frei Vicente de Paulo, que discorreram brevemente sobre essa importante peregrinação e deixaram pistas de ação para uma próxima caminhada pós-pandemia.

Na ocasião, um delicioso coquetel, com quitutes mineiros, foi servido e com ele os participantes puderam conversar e continuar trocando experiências a respeito da Marcha Franciscana.

Escola Franciscana de Teologia

A Escola Franciscana de Teologia iniciou seus trabalhos em agosto de 2020, diante da pandemia da Covid-19, com o objetivo de promover formações *on-line* destinadas aos alunos do Curso Básico de Teologia para Leigos e membros das Paróquias.

O canal, coordenado pelo Secretariado de Missão e Evangelização da Província Santa Cruz, promove formação virtual na linha franciscana, teológica, espiritual e dimensão da Justiça, Paz

e Integridade da Criação.

As transmissões acontecem semanalmente através do YouTube e o canal possui mais de 3000 inscritos e vem sendo acompanhado em diversos lugares no Brasil e em outros países.

As assessorias e reflexões são feitas por frades da Província e por convidados (professores, teólogos, padres, religiosos, religiosas, leigos...). Dentre as diversas *lives*, destacamos:

- Curso de Mariologia;
- De Clara a Francisco;
- Curso Bíblico Evangelhos e Atos dos Apóstolos;
- *Amoris Laetitia* – 5 anos da Exortação Apostólica;
- Missões Franciscanas;
- Outubro: Mês Missionário;
- Outubro Rosa;
- Espírito de Assis;
- Religiosidade e Negritude;
- Análise de conjuntura.

As *lives* e cursos ficam disponibilizados no canal da Escola Franciscana de Teologia no YouTube e, dessa maneira, podem ser acessados a qualquer momento.



FRATERNIDADE DO POSTULANTADO DA CRUZ DE SÃO DAMIÃO

Acolhida dos Postulantes da Custódia São Benedito

Na quarta-feira, dia 4 de agosto, os postulantes da Custódia São Benedito da Amazônia foram acolhidos no Postulantado da Cruz de São Damião. Eles se juntaram aos postulantes de nossa Província para, no futuro, ingressarem no noviciado. O momento de acolhida foi marcado por uma celebração eucarística seguida de um animado recreio. Fazemos votos de que essa experiência seja frutuosa para todos os formandos.

Desde 2015, a Custódia São Benedito e a Província de Santa Cruz realizam o noviciado juntas. É uma parceria que tem dado certo.

A Custódia conta com sete jovens postulantes. Frei Pedro Rodrigo, mestre de Postulantes da Custódia, acompanhou o grupo nas primeiras semanas em terras mineiras. Para ele, “essa é uma oportunidade ímpar, pois nessa experiência os jovens se abrem a novos horizontes e conhecem outras realidades. Eles crescem com novos conhecimentos, trocas de experiências e sentido de pertença. Ao sair da área



Acolhida dos Postulantes da Custódia São Benedito

da Custódia, eles se dão conta do quanto nossa família franciscana é imensa”.

Esse grupo se somou a outros três postulantes da PSC. A comunidade formadora do Postulante da Província Santa Cruz é constituída pelos seguintes confrades:

Frei Arlaton L. Soares (mestre), Fr. Irwin Couto (guardião) e Fr. Kelisson Machado (vice-mestre). Esta segunda etapa prosseguiu até dezembro. No dia 3 de janeiro de 2022, eles iniciaram o noviciado.

“Uai” daqui e “olha já” de lá: o primeiro mês dos postulantes da custódia em terras mineiras

*Leandro Kamal Tomé Diniz**

Passado um mês desde que embarcamos nesta nova jornada da nossa formação. Estamos realizando a segunda parte do postulante, agora na Província Santa Cruz, mais especificamente na casa do Postulantado na cidade de São João del-Rei, região mineira do Campo das Vertentes. Desde que chegamos aqui, fomos muito bem recebidos pelos frades que compõem a fraternidade, a saber: Frei Arlaton Luiz, OFM (mestre), Frei Kelisson Machado, OFM (vice-mestre) e Frei Irwin Couto, OFM (guardião); por aqueles que não moram aqui, mas já tivemos a oportunidade de conhecer e, claro, pelos nossos novos companheiros de jornada, os postulantes daqui. No total somos dez postulantes (sete da Custódia São Benedito e três da Província de Santa Cruz). Estamos nos entrosando de uma maneira muito natural, afinal, somos todos irmãos de caminhada rumo ao noviciado.

Durante este primeiro mês, acredito que nos adaptamos muito rápido com a dinâmica da casa, até porque já tínhamos uma rotina semelhante no Kabiara (Casa de

Postulantado localizada na cidade de Santarém). Ninguém tem medo de trabalhar, estudar e de se dedicar à música. Gostaria de destacar a característica musical da Província Santa Cruz, a qual temos a graça de vivenciar neste período. A música é parte do nosso cotidiano em todos os momentos, e isso é muito agradável, afinal: “quem canta (ou toca) seus males espanta”. Os momentos de formação, vida fraterna e oração pessoal têm sido riquíssimos. Estamos tendo o privilégio de aprender e, com certeza, aprenderemos muito mais, pois está apenas começando!

Nós estamos desfrutando o máximo que podemos da formação e do local onde estamos. Tudo é muito lindo por onde passamos. Muita história pode ser percebida através da arquitetura, da culinária, da cultura, do sotaque. Muita coisa diferente da nossa realidade amazônica e isso faz com que queiramos aprender mais, saber mais e aproveitar mais. Mesmo assim alguém pode perguntar: “então, não estão sentindo saudades?”. Um pouquinho! Por aqui está frio e, ainda que reclamemos do calor da Amazônia, há dias em que o queremos. Por aqui não há algumas das nossas famosas comidas do norte, mas tem muita coisa deliciosa também. Por

enquanto estamos tão entusiasmados com tudo que estamos vivendo que ainda não deu para sentir a saudade batendo forte.

Estamos vivenciando este tempo como um privilégio. Temos a chance de conhecer novas pessoas e diversas formas de viver o franciscanismo no contato com uma nova cultura. E relato que nestes dias a felicidade foi ainda maior, pois todos nós já recebemos a primeira dose da vacina contra a covid-19. Mais um privilégio nosso. Deus é bom. Ele é bom o tempo todo.

Ao terminar esta comunicação, peço que sejamos recordados nas vossas preces. Não apenas eu, mas meus irmãos Pedro Olavo, Heiler Corrêa, Juan Kaio, Felip Barbosa, Antonio Magno e Gabriel Dezincourt. Contamos com as orações de vocês. Estejam certos de que estamos rezando por todos. Daqui do friozinho das terras mineiras, mando um abraço caloroso para cada um.

INICIATIVAS E PROJETOS SOCIAIS

Alimentando com a Paz e o Bem

Não é novidade para ninguém que a pandemia pela qual estamos passando atrasou sonhos, desestabilizou a economia, perdemos pessoas próximas e muita gente foi obrigada a se reinventar.

Nesse contexto, as ações sociais ajudam famílias a colocar comida na mesa e aquecem o coração daqueles que estão passando por dificuldades.

Nesse sentido, a Província Santa Cruz, as paróquias franciscanas de Minas Gerais, o Centro Franciscano de Defesa dos Direitos, com a contribuição de diversas lideranças, conseguiram realizar muitas ações que visam ajudar realmente a quem precisa.

O evangelista Lucas nos recorda que dar de comer a quem tem fome é uma obra de misericórdia. Mateus também nos lembra do nosso papel de cristãos: “Pois tive fome, e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber; fui estrangeiro, e vós me acolhestes (Mt 25,35)”.

A seguir, algumas das iniciativas solidárias realizadas durante este tempo de pandemia:

- Paróquia São Francisco das Chagas: arrecadações e doações através da Sociedade São Vicente de Paulo;

- Paróquia Santo Antônio – Funcionários, Paróquia Santa Isabel, Paróquia Santo Antônio – Salinas: arrecadações e doações pela Secretaria Paroquial e Sociedade São Vicente de Paulo;

- Paróquia São Francisco – São João del-Rei: campanha de alimentos e campanha do agasalho em parceria com a Guarda Municipal;

- Paróquia Nossa Senhora do Carmo – Aimorés: doações e atendimentos pelo Grupo Promoção Humana.

- Ação Solidária Educafro Minas: a campanha do agasalho da Rede Educafro Minas fomentou e organizou a arrecadação de cobertores, agasalhos, toucas, meias e outras peças de vestuário, leite, pão, manteiga, achocolatado, café e copos, para ajudar as pessoas mais vulneráveis a enfrentar o frio.

- Ação solidária na Ocupação Tomás Balduino (localizada na região de Areias, em Ribeirão das Neves, há 8 anos): foram doadas cestas básicas. Estas “alimentam não só corpo, mas também alimentam

a alma de afeto e alimentam nossa fé que se manifesta no sentimento de que não estamos sós!”

- Ação solidária – Projeto Mãos Solidárias: juntamente com as Irmãs Carmelitas Missionárias, com a Paróquia Santa Teresinha, o Projeto Mãos Solidárias atende a 260 famílias, sendo 40 famílias migrantes, no bairro Bandeirinhas, em Betim. São realizadas doações de alimentos e, além disso, são desenvolvidos projetos de empreendedorismo para migrantes por meio do Centro Franciscano de Defesa dos Direitos.

- Paróquia Santo Antônio (Divinópolis): A paróquia organizou no domingo, 14 de novembro, um almoço preparado por voluntários dos movimentos e pastorais, com mantimentos doados pela comunidade. Foram servidas aproximadamente 350 refeições a famílias carentes. Ainda, complementando esse gesto fraterno, com a ajuda dos irmãos Vicentinos, foi entregue a cada família que esteve presente uma cesta básica, que igualmente foi recebida através de doações.

Com essas ações, procura-se tornar concreta a proposta do Evangelho: “dai-lhes vos mesmos de comer”.



Iniciativas e projetos sociais - Tomas Balduino

Marcha Franciscana 2021

A Marcha Franciscana de 2021, assim como a do ano de 2020, foi feita de maneira virtual, devido à pandemia. Costumeiramente, ela era iniciada na pequena cidade de Olhos d'Água da Canastra, distrito de Delfinópolis, região da Serra da Canastra, cuja padroeira é Nossa Senhora dos Remédios.

O percurso virtual da Marcha Franciscana 2021, com o tema “revisitando a *Laudato Si'* nos caminhos da Canastra”, se iniciou com a *live* de abertura no dia 19 de julho com Moema Miranda, Frei José Aguinaldo, Leila Matilde e Frei Adelmo Francisco.

Nos anos anteriores, os participantes saíam de Olhos d'Água da Canastra, passavam por Ponte Alta, descendo para a região de Vargem Bonita, subindo a região montanhosa de Serra Branca, chegando à pousada Mirante do Sol, em Chapadãozinho e, em seguida, desciam para o povoado de São José do Barreiro, após uma breve passagem pela linda cachoeira de Casca d'Anta. Este ano o percurso foi diferente, pois foi realizado por meio de uma série de *lives* e encontros virtuais.

Nas marchas, quatro veículos costumavam acompanhar a peregrinação e levavam suprimentos

e apoio para a cozinha itinerante, para a equipe de Saúde e Bem-estar, suporte para liturgias, entre outros. As noites eram aquecidas com Celebrações da Palavra, com o Lucernário e com o Ofício Divino das Comunidades.

Neste ano, com o formulário de inscrição da Marcha Franciscana foi possível participar da “Feira Solidária da Marcha Franciscana”. Foi a nossa vez de apoiar os moradores da região da Canastra. Os produtos da feira foram feitos pelos produtores da região da Canastra, que, devido ao fechamento do Parque Nacional da Serra da Canastra e da influência da pandemia, estão tendo dificuldades.

Missão Franciscana no Barco Hospital Papa Francisco

No período de 19 a 21 de julho de 2021, Frei Bruno Rocha Pereira Laviola, frade da Província Santa Cruz, encontrava-se em Missão no Barco Hospital Papa Francisco. A missão iniciou-se em Terra Santa-PA, no baixo Amazonas.

Idealizado pela Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, o Barco Hospital Papa Francisco na Providência de Deus foi inaugurado oficialmente em 17 de agosto de 2019, na cidade de Belém-PA. Sua base está

localizada na cidade de Óbidos, no Pará, e atende a mais de 1000 comunidades ribeirinhas na região amazônica.

O Barco Hospital tem 32 metros de extensão e conta com 20 tripulantes fixos e mais 10 voluntários, que se revezam em expedições que duram entre 7 e 10 dias. O hospital flutuante tem uma estrutura moderna com consultórios médicos, odontológicos, centro cirúrgico, sala oftalmológica completa, laboratório de análises, sala de medicação, sala de vacinação e leitos de enfermaria, além de equipamentos para diagnósticos, como raio X digital, mamografia, ecocardiograma, ultrassom, eletrocardiograma. Além da atenção básica de saúde à população, as equipes atuam na prevenção e diagnóstico precoce do câncer com a realização de exames e triagem. Segundo os engenheiros responsáveis pela construção, não existe no Brasil uma embarcação com toda essa estrutura hospitalar.

Os recursos para a construção do Barco Hospital Papa Francisco são provenientes da indenização de dano moral coletivo firmado, em 2013, pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT 15 – Campinas) com a empresa Raízen Combustível (antiga Shell/Basf) e o Ministério Público do Trabalho. O Procura-

dor do Trabalho, Dr. Ronaldo José de Lira, destaca a importância do alcance da ação. “Acredito muito nesse projeto como exemplo de sucesso. Sabemos que grande parte da região beneficiada está abaixo da linha da pobreza. Não é apenas um projeto de saúde e sim um projeto humanitário”.

A origem da iniciativa se deu durante a Jornada Mundial da Juventude em 2013, quando tivemos a honra de receber o Papa Francisco em nosso Hospital no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Papa perguntou ao Frei Francisco se a Associação e Fraternidade estava presente na Amazônia. Quando o Frei Francisco respondeu “Não!”, imediatamente o Santo Padre disse: “Então devem ir!”.

A partir daí, procuramos obedecer a mais este chamado com grande amor, e assumimos dois hospitais naquela região: em Óbidos e em Juruti. Esse primeiro passo tornou inevitável outro: “É uma realidade muito especial; percebemos que a população que vivia nas margens do rio Amazonas, tinha dificuldade em chegar aos hospitais, então pensamos que o único meio era o hospital ir até elas, como a Igreja que o Papa Francisco quer, que vá ao encontro das pessoas”, conta Frei Francisco.

O Barco Hospital Papa Francisco é o caminho para levar saúde e assistência à população ribeirinha; tem como apoio aos atendimentos duas “ambulanchas”, que atuam em conjunto com o Barco Hospital. Enquanto uma faz as triagens nas comunidades para otimizar os atendimentos, a outra é munida de equipamentos de urgência e emergência para fazer a retaguarda para quaisquer intercorrências mais graves. Além de todo o trabalho de saúde, o Barco Hospital tem a coordenação de um sacerdote frade franciscano

que é o responsável em levar a palavra de Deus, espiritualidade e a humanização a todos os atendidos pelas equipes médicas voluntárias.

Os atendimentos ocorrem desde setembro de 2019 e também contam com o apoio do Governo do Estado do Pará, através da Secretaria de Saúde (SESPA), por meio de um termo de fomento. Já houve mais de 137 mil atendimentos realizados nas expedições na região da Calha Norte do Estado do Pará, no Rio Amazonas.



CONGRESSO DE FORMAÇÃO DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Tiago José Theisen

Teve início, na noite do dia 3 de agosto, no Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont-MG, o Congresso de Formação da Província Santa Cruz, atendendo à indicação do último Capítulo Provincial, de dezembro de 2018, para aprofundar a caminhada formativa, tanto permanente quanto inicial, retomando os princípios fundamentais e avaliando os elementos suscetíveis de mudança. Além disso, o Congresso de Formação visa apresentar linhas diretivas que possam ser retomadas pelo Capítulo Provincial, que se realizará em janeiro de 2022.

O encontro foi iniciado com o jantar, seguido da celebração eucarística. Depois, Frei Gabriel José de Lima Neto, OFM – Secretário de Formação de Estudos, guardião e mestre da Comunidade de Jovens Franciscanos –, acolheu os participantes e explicou o objetivo e a dinâmica do encontro para os próximos dias. Por conseguinte, o Visitador Geral, Frei Reginaldo Rômulo Monte Canto, se dirigiu aos presentes manifestando a importância dos encontros e a necessidade de pensar a formação em vista dos desafios da missão, da Ordem e da Igreja.

Neste encontro de irmãos, estão presentes o Visitador Geral, Frei Rômulo, o Governo Provincial,



o Secretariado de Formação Inicial, membros do Secretariado de Evangelização, do Secretariado de Administração, guardiães de cada uma das Fraternidades ou seus representantes, os frades das Fraternidades Beato Duns Scotus e São Boaventura, frades estudantes de profissão solene e o *Coetus Formatorum* da Província: Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Tempo de Profissão Temporária. O Congresso de Formação seguiu reunido até o dia 7 de setembro.

Vale mencionar que a Comunidade de Jovens Franciscanos do Seminário Seráfico Santo Antônio

preparou o ambiente para receber os confrades com segurança (espaçamento de mesas e cadeiras, presença de álcool em gel nos ambientes, tapetes sanitizantes), tendo em vista o contexto de pandemia.

No segundo dia, na parte da manhã, Frei Hilton Farias de Souza, Ministro Provincial, partilhou a respeito do histórico dos congressos de formação ao longo do tempo na nossa província. Lembrou que “a formação permanente dos irmãos é uma caminhada de toda a vida, tanto pessoal como comunitária”. [CCGG, Art. 135]. Em seguida, Frei Hilton recuperou os

objetivos, as intenções e os direcionamentos do i) Congresso de professores de Seminários e pré-seminários da PSC (Daltro Filho – 1959); ii) Congresso de Formação (Divinópolis – 1964); iii) Congresso Provincial de Formação (1971); iv) Congresso de Formação (1981); v) Congresso de Formação Inicial e Continuada (1990); vi) Congresso de Formação (2008).

Durante a apresentação de Frei Hilton, Frei Basílio de Resende, OFM, e Dom José Belisário da Silva, OFM, compartilharam depoimentos a respeito da formação e particularidades dos congressos de formação anteriores.

Por fim, Frei Hilton recordou que “o convite a abraçar a fraternidade e a minoridade como núcleo de nossa identidade franciscana, os ‘pulmões’ que animam nosso ser, requer uma renovação no enfoque que estamos dando à formação inicial e permanente. Em resposta a esta necessidade, identificamos um convite a comprometer-nos mais profundamente com o pensamento intercultural, com a fraternidade e com o ministério” (Documento final do Capítulo Geral 2021, n.13).

Na parte da tarde, pe. Jalde-mir Vitória, SJ, assessorou os participantes a respeito da temática dos desafios para uma formação (permanente e inicial) integral,

hoje. Após definir o que se entende por formação integral, o padre Vitória perguntou a respeito das iniciativas que colaboram para a formação integral na caminhada de formação na Província Santa Cruz e das que a dificultam. Em seguida, apresentou os fundamentos humanos (imagem e semelhança de Deus; configuração com a pessoa de Cristo e templos do Espírito Santo), religiosos (chamados a viver em comum a fé batismal; chamados a partilhar uma missão em favor do Povo de Deus; chamados a ser profetas de uma nova sociedade) e franciscanos (nos passos de um pobrezinho de Assis; nos passos do irmão universal e nos passos do peregrino do Mistério), bem como os processos de círculos concêntricos (circularidade humana, circularidade cristã, circularidade religiosa e circularidade franciscana) para uma formação integral. Por fim, os participantes foram convidados a partilhar a respeito de suas caminhadas e comentar o que foi apresentado.

Ao entardecer, os participantes se reuniram na capela da fraternidade para a celebração do Lucernário. Além disso, vale mencionar que nos corredores do seminário estão expostas obras, trabalhos artísticos, artesanatos, pinturas e poemas dos frades.

No terceiro dia, na parte da manhã, o pe. Vitório retomou a temática dos desafios da formação. Iniciou afirmando que a formação integral franciscana deve levar a sério determinados conteúdos, a serem assimilados, no desejo de preparar religiosos capazes de assumir seu papel na Igreja e na Sociedade nos passos de Francisco de Assis.

Em seguida, apresentou os entraves (individuais, congregacionais, eclesiais e socioculturais) a serem vencidos na dinâmica da formação integral, desde aqueles de caráter pessoal até os provenientes das muitas estruturas, em que cada um se encontra. O desafio consiste, segundo pe. Vitório, em identificá-los, em vista de enfrentá-los e superá-los.

Por fim, pe. Vitório encerrou sua assessoria afirmando que a formação integral supõe um esforço pessoal, somado ao de tantos outros irmãos (de comunidade, de província e de Ordem). Sem tal empenho, será grande o risco de ver a vocação se esvaziar e de se mergulhar num sem sentido, na contramão do que se buscava ao optar pela vocação franciscana. Ao revés, a formação integral e permanente fará com que o “primeiro amor” se torne sempre mais consistente, em favor do Povo de Deus, dos empobrecidos e margi-

nalizados e da luta pela sustentabilidade da Casa Comum, nos passos de Francisco de Assis.

Na parte da tarde, foram realizadas as atividades em grupos de reflexão para fazer ressonância às assessorias de Frei Hilton e pe. Vitório. Os diversos grupos sintetizaram suas contribuições a respeito dos elementos destacados das duas conferências e das luzes que foram aparecendo, e as apresentaram aos demais participantes do congresso de formação. É importante destacar uma riqueza desse congresso, que é o fato da presença de duas outras entidades, a saber, membros da Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora e da Custódia São Benedito da Amazônia.

Os grupos destacaram a importância da noção histórica da formação, visto que os congressos de formação anteriores tentaram responder à realidade de sua época (contexto social, eclesial, da Ordem) e não tiveram medo de arriscar. Além disso, percebeu-se uma preocupação em sistematizar o processo formativo, evitando o “improvisado”. Além disso, os frades afirmaram a importância do *Coetus Formatorum*, a busca de uma relação saudável entre formando e formador (equilíbrio entre autonomia e autoridade), o incentivo ao senso de pertença e à



transparência tanto da instituição quanto dos formandos.

Após o jantar, os participantes se reuniram no ginásio para um campeonato de vôlei. A disputa foi acirrada, com direito à torcida, mas a equipe “Rio” (profissão temporária) acabou vencendo a equipe “Moscou” (aspirantado) na final do campeonato, que contou ainda com as equipes “Nairóbi” (postulantado), “Berlim” (noviciado), “Tóquio” e “Helsinki”.

No primeiro momento do quarto dia, após a celebração eucarística, foram retomados os elementos que se destacaram nos

grupos de reflexão do dia anterior, tais como o contexto, temas recorrentes e, por fim, elementos relacionados ao acompanhamento, formação integral e temas para aprofundamento. Em seguida, partilhou-se a redação preliminar da Fraternidade de Acolhida Vocacional (FAV), que procura apontar as orientações gerais, os objetivos, os contemplados e dispõe sobre o ingresso na FAV, sobre a fraternidade acolhedora e acompanhamento dos vocacionados, relacionando os meios pedagógicos e os critérios de discernimento.

Num segundo momento, os participantes do Congresso de Formação foram divididos em dois grupos. Um dos grupos refletiu a respeito da Formação Permanente e outro a respeito da Formação Inicial, procurando apontar sugestões e elementos para o Capítulo Provincial 2022.

Após o Ofício Divino das Comunidades, os presentes se reuniram para um animado churrasco.

O último dia do Congresso de Formação da Província Santa Cruz foi iniciado com o Ofício Divino das Comunidades, no qual se recordaram o Sete de Setembro e o Grito dos Excluídos. Após o café da manhã, os participantes se reuniram para avaliar o Encontro de Formação da Província Santa Cruz.

A avaliação final do encontro retomou as sínteses dos debates nos grupos de reflexão. Além disso, a comissão organizadora consolidou a síntese das plenárias

da formação inicial e permanente levando em consideração a imagem da formação inicial (ambiente e estrutura, *coetus*, conteúdo programático), a apreciação do plano trienal, ponderações a respeito da Fraternidade de Acolhimento Vocacional (FAV), sugestões para uma formação integral e propostas para o Capítulo Provincial.

Durante a exposição das sínteses, os participantes puderam fazer comentários, ponderações e pedir esclarecimentos dos elementos que foram trazidos pelos grupos de reflexão. Por fim, Frei Arlaton apresentou a avaliação dos participantes sobre a organização, liturgia e demais elementos desse sétimo Congresso de Formação da Província Santa Cruz.

Após o momento de avaliação, os participantes do encontro se dirigiram à capela para a celebração eucarística. O encontro foi encerrado com o almoço.

REFLEXÕES

UMA PERIFERIA EXISTENCIAL: O PRESÍDIO

Frater Henrique Cristiano
José Matos, CMM

Na sua Exortação Evangelii Gaudium [EG], de 24/11/2013, "sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje", o Papa Francisco expressa seu desejo de

novembro
pela pri
numa C
-se de u
enorme c
no Munic
Bicas, na
desses ano
e vivenciar
dade daque
de liberdade

Francisco orienta os frades sobre como avaliar os resultados da missão e, aos frades caridosos, orienta sobre como lidar-se entre os sarracenos. Francisco fala na Regra: "Depois, houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos outros infelizes, que vão com a bênção de seu ministro e servo. Se o ministro reconhecer que eles são sarracenos para serem mandados, dê-lhes a licença e não a recuse; [...] eles não podem comportar-se de outra maneira entre eles"

ARTICULAÇÃO FRANCISCANA E CARMELITANA DE APOIO A MIGRANTES VENEZUELANOS

Ao decidirem pelo processo de interiorização, os migrantes venezuelanos que chegam na fronteira do Brasil em busca de melhores condições de vida e dignidade. Desse modo, as pessoas passam a buscar a subsistência pessoal.

Considera-se a atuação da Regra de São Francisco na atuação da Regra de São Carmelo em parceria com os migrantes e religiosos, no final do século XVIII, no acompanhamento de famílias de migrantes em Belo Horizonte.

poobres. Lança a Regra "em saídas geográficas e exortações misericórdias de ele, e se

mis- (1226), faz a Regra mais antiga. A partir de então, a tradição mística chegou a ser apresentada (1226) Este

ANÁLISE DE CONJUNTURA

Introdução

Élio Gasda, SJ

Uma análise de conjuntura é um retrato dinâmico de uma realidade histórica determinada. Não é uma mera descrição de fatos. A realidade mundial, nacional ou local é multifacetada, dificultando a apreensão das inter-relações entre as partes que formam o todo. Não só o todo é superior à parte (cf. *Evangelii Gaudium* 234-237), como tudo está interligado (cf. *Laudato Si'* 16,91,117). São necessárias leituras mais sistêmicas da história.

A análise é como um mapa que permite “viajar” na realidade. Existem diversos tipos de mapas, alguns mais detalhados que outros. Cada mapa é definido em função de seus objetivos. Trata-se de uma ferramenta imprescindível para que projetos e teorias tenham incidência histórica. A densidade da realidade exige identificar não somente o fenômeno, mas, principalmente, suas causas e mecanismos, estruturas e ideologias. É preciso atravessar as aparências. Sem retoques, superar o discurso fácil.

O texto oferece uma síntese das seguintes chaves de leitura: capitalismo financeiro neoliberal, concentração de riqueza, mundo do trabalho, colapso ambiental, pandemia/sindemia, bolsonarismo, resistências.

Capitalismo financeiro neoliberal

O capitalismo possui uma orientação natural para a autonomia do capital, dada pelo princípio de acumulação ilimitada. Tudo se resume a ter dinheiro. O sistema está construído sobre as bases da inviolabilidade da propriedade privada, da ideologia da mão invisível do mercado, do conceito de liberdade individual, da exploração do trabalho e dos recursos naturais.

O capital financeiro tornou-se forma dominante de acumular riqueza. Na década de noventa, François Chesnais lançou a interpretação do capitalismo como ‘capitalismo financeirizado’¹. A financeirização decorre do controle de empresas (industriais, comerciais, serviços, de tecnologia) por instituições financeiras (bancos, fundos de investimentos, multimercados, fundos de pensão); do investimento em mercado de capitais. A economia é movida pelos acionistas e executivos (CEO) visando a margens de lucro a curto prazo aos acionistas. Mercados financeiros são o coração do capitalismo.

O sistema financeiro se expandiu apoiado nas tecnologias digitais para conexões planetárias instantâneas. A riqueza gerada na

produção está sujeita aos critérios estabelecidos pelo mercado financeiro. Seu objetivo é a acumulação de capital para engordar o próprio capital, que será reinvestido para engordar ainda mais o capital. Esse movimento do capital contamina todas as esferas da economia.

Mercados são interesses agregados do complexo financeiro-industrial-militar global. As corporações, controladoras dos mercados, são as instituições mais poderosas do mundo. Do *smartphone* ao analgésico, tudo pode ser encontrado no mercado. Alimentar grandes corporações é a função da economia política global. Os rentistas, em sua maioria herdeiros, assessoram os empresários na gestão dos mercados. Empresas são controladas por executivos e investidores. Tecnoburocratas são os ‘intelectuais orgânicos’ dos rentistas. Rentistas são os capitalistas centrais de nossos dias.

O capitalismo neoliberal reconfigurou o sistema financeiro global a partir da concentração de poder das instituições financeiras. Capitalismo financeiro rentista é o outro nome do neoliberalismo, se o critério for econômico. Os conceitos neoliberalismo e capitalismo financeiro estão relacionados. O neoliberalismo econômico trans-

Não só a política, mas toda a existência humana gira em torno do dinheiro. É o mercado total do capitalismo.

formou um setor da economia – setor financeiro – em atividade fim em si mesmo. Não se trata de uma deformação do capitalismo. É a realização de sua natureza.

Neoliberalismo e capitalismo financeiro são *unha e carne*. A concentração do poder econômico levou à concentração do poder político. Poder e riqueza são inseparáveis. Políticas e políticos são capturados por interesses financeiros. Nesse “capitalismo dos ‘vencedores’”, grande riqueza flui de grande poder, grande poder alimenta grande riqueza. A riqueza sustenta o poder político dos bilionários. Megacorporações têm mais influência do que muitos Estados na geopolítica. O sistema financeiro se tornou tão poderoso que inibe o sistema de justiça.

Não só a política, mas toda a existência humana gira em torno do dinheiro. É o mercado total do capitalismo. Nunca na história o dinheiro gerou tanto dinheiro de forma tão independente da produção. O hipercapitalismo dos acionistas é um monstro destruidor de empregos, de políticas públicas e da natureza.

O próprio Estado se tornou agente do capitalismo financeiro. Estados são importantes atores da geopolítica do capital. De um lado se encontra um Estado megapoderoso, os Estados Unidos e seus países aliados. De outro, os Estados potências China/Rússia e seus aliados. São poderes em disputa por territórios onde há recursos estratégicos.

As forças hegemônicas se enfrentam no ‘mundo ideal’ das Nações Unidas, e no ‘mundo real do vale-tudo’. O complexo industrial-militar depende da identificação de ‘possíveis ameaças externas’. Joe Biden foi eleito presidente para cuidar dos interesses dos EUA, a começar pelo capital financeiro, empresas de tecnologia e o complexo industrial-militar.

A China está superando os Estados Unidos como a maior economia do planeta. Dependente dos mercados globais, a China é a principal parceira comercial para 124 países. A ‘guerra comercial’ é uma parte da disputa maior pela hegemonia política mundial. Há uma transferência do eixo geoeconômico do Atlântico para o Pacífico/China. Em 2019, Chi-

na, Japão, Coreia do Sul e Austrália criaram uma Parceria Regional Econômica Abrangente, uma gigantesca zona de livre-comércio sem o Ocidente.

Com o plano “Made in China 2025”, o Partido Comunista decidiu que a China será grande potência tecnológica. A economia depende da tecnologia. A coreana Samsung é a maior fabricante de telefonia móvel do mundo. A segunda é a chinesa Xiaomi, a estadunidense Apple é a terceira, seguida de perto por outra chinesa, a Oppo.

Concentração de riqueza

O capitalismo financeiro neoliberal segue sua *Lex*: acumular e concentrar riqueza. Em 2016 a riqueza acumulada por 1% da população mundial havia superado a dos 99% restantes². A riqueza dos maiores bilionários aumentou em US\$ 5 trilhões em plena pandemia. Porém, a pandemia levou os Estados Unidos a sofrerem o maior aumento em sua taxa de pobreza em mais de 50 anos³.

No Brasil, a fortuna dos mais ricos, na contramão da crise, não para de crescer. Juntos, os bilionários brasileiros acumularam R\$ 1,9 trilhão, até agosto de 2021⁴. A pandemia fez com que o mercado de saúde produzisse uma safra de

bilionários. O valor somado saltou de US\$ 1,64 bilhão em 2020 para US\$ 3,85 em 2021⁵. A saúde é uma mercadoria.

Enquanto a renda dos acionistas e altos executivos tem aumentado escandalosamente, os salários de trabalhadores comuns permanecem inalterados. Além disso, centenas de bilionários escondem suas riquezas em paraísos fiscais⁶. O capitalismo financeiro aprofundou o crime da sonegação.

A desigualdade é o mal estrutural do Brasil. A pandemia se propagou em um país extremamente desigual. A formação social e econômica do país, pautada na concentração de terra para agronegócio/latifúndio/trabalho escravo, somada às estruturas patriarcais racistas, criou uma sociedade desigual. Agronegócio, grileiros, madeireiros, garimpeiros são estimulados a invadir as terras de camponeses, territórios indígenas e quilombolas, seringueiros e assentamentos. O governo Bolsonaro interrompeu a reforma agrária e paralisou a demarcação de territórios indígenas e quilombolas.

Mundo do trabalho

2021 entra para a história como o pior ano do mercado de trabalho. Segundo o IBGE⁷, o total

de desempregados cresceu 20%. O país fechou 8 milhões de vagas em 2020. O número de desalentados aumentou 25%. O emprego na indústria caiu 11%; 5 milhões deixaram de ter um emprego de carteira assinada; 40% dos ocupados são informais.

A juventude, que representa 28% da população, está angustiada. Em 2020, o desemprego atingiu 31% dos jovens entre 18 e 24 anos. O índice entre os jovens de 14 a 17 anos é maior, 46,3%⁸. Quem fica parado não tem como adquirir experiência exigida para ocupar uma vaga de emprego. O racismo estrutural é gritante: 72,9% dos desocupados se declaram pretos ou pardos.

direitos sociais. É o rebaixamento da condição humana da classe trabalhadora. Viver de ‘bico’ virou ‘empreendedorismo’, subemprego virou trabalho informal, fim de direitos virou flexibilização.

Poderosas empresas digitais/plataformas estão sediadas nos países centrais. A mentalidade colonialista se manifesta no capitalismo digital. Os desequilíbrios de poder entre raças e etnias, ricos e pobres são extensões das discrepâncias de poder entre centro e periferia. Há uma concentração dos benefícios tecnológicos nas classes ricas. Trabalhadores de regiões periféricas não têm acesso às tecnologias de ponta. A maioria é semianalfabeta e está descar-

O racismo estrutural é gritante: 72,9% dos desocupados se declaram pretos ou pardos.

A convergência entre o Covid-19 e a Indústria 4.0 intensificou a “uberização” do trabalho. Altas taxas de desemprego levaram ao aumento da mão de obra em aplicativos de entrega, de mobilidade e outras *startups*. Condições precárias de trabalho nas plataformas digitais têm origem na ausência de legislação protetora do trabalhador.

Precarização é um eufemismo para o aumento da exploração do trabalho sem compensação de

tada, empobrecida e abandonada pelo Estado.

O Estado abdicou do seu papel de árbitro na regulação entre trabalho e capital. A lei deixou de ser um sistema protetor dos trabalhadores para converter-se em aparato protetor das empresas. Esse é o projeto neoliberal: extinguir o Direito do Trabalho. A pandemia acelerou um processo generalizado de degradação das condições de trabalho. Reorganizar formas de exploração do

trabalho é um *modus operandi* do capitalismo.

As novas tecnologias são projetadas para responder aos interesses do capital. Não há perspectivas de mudança favoráveis ao trabalhador. Não há preocupação alguma em melhorar as condições econômicas das maiorias. Há uma geração de trabalhadores sem direitos que nunca terá acesso a redes de seguridade social e que não conhecerá uma legislação laboral para protegê-los.

A divisão internacional do trabalho se mantém. As periferias do capitalismo global são úteis para fornecer *commodities* agrícolas, minerais e energéticas. E o Brasil voltou ao Mapa da Fome. Um país entra no Mapa da Fome da ONU quando a fome regular atinge 5% ou mais da população. Falta trabalho, explosão dos preços dos alimentos, aumento vertiginoso dos miseráveis, perda de renda, endividamento das famílias, desmonte de políticas públicas, crescente aumento dos moradores em situação de rua, surgimento de novas favelas e comunidades precárias. Indicadores

econômicos apontam na direção do aprofundamento da tragédia social.

Crise ambiental

Há sinais gravíssimos de um transtorno ambiental global. O custo dos danos causados pela exploração da natureza é infinitamente maior do que os benefícios econômicos obtidos. O ecossistema está entrando em colapso.

O Antropoceno (Paul Crutzen) – antropocentrismo radical – está em xeque. Ações humanas desequilibraram profundamente o planeta. Em 2021, a humanidade excedeu sua cota anual de recursos regeneráveis em 29 de julho. Relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), ‘Fazendo as pazes com a Natureza’ (2021), destaca: entre 2011 e 2020, Década da Biodiversidade da ONU, o planeta perdeu 70% dos grandes mamíferos; 35% das aves; de 30 a 40% dos chamados insetos úteis, como abelhas. Em 2020, o mundo perdeu em florestas tropicais um território equivalente à Holanda.

O custo dos danos causados pela exploração da natureza é infinitamente maior do que os benefícios econômicos obtidos.

O Painel Intergovernamental sobre o Clima da ONU (IPCC) em seu sexto relatório (AR6) sobre o clima⁹ alerta que até 2075 a mudança climática reduzirá a biodiversidade em 75%. No oceano, com frequentes ondas de calor, 70 a 90% dos recifes de coral desaparecerão. Altas taxas de emissões de gases extinguirão metade da Amazônia. Teremos novas epidemias, escassez de alimentos e água, enchentes torrenciais e incêndios arrasadores, ondas de calor, secas e desertificação. A cada ano, 2,7 milhões de pessoas serão deslocadas por inundações, e mais de 400 milhões de residentes urbanos serão afetados pela falta de água.

O ecocídio é um suicídio. Os jovens estão recebendo uma herança ambiental de Terra arrasada. Quando a natureza adoecer, a humanidade sofre. Tudo está interligado. É urgente substituir o Antropoceno pelo Ecoceno, ou seja, uma era de harmonia entre todas as espécies vivas da Terra.

Pandemia/Sindemia

O novo coronavírus tem muitas faces. A Covid-19 não é apenas um problema de saúde global. Trata-se de uma crise sistêmica que torna os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da

**O vírus é
impulsionado por
um sistema em
si patológico que
coloca o lucro
acima da vida e da
saúde humana.**

ONU uma utopia distante: reduzir a pobreza, a fome e as desigualdades de consumo responsável, proteger o meio ambiente, melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover o trabalho decente.

Um olhar sistêmico permite ver a sinergia de várias problemáticas econômicas, políticas, culturais, ecológicas e sanitárias com alcance epidêmico. O vírus é impulsionado por um sistema em si patológico que coloca o lucro acima da vida e da saúde humana.

O capitalismo produz, de forma sistemática, a destruição da natureza e a morte de grupos sociais a partir das classificações de raça e classe social. O capitalismo aplica uma espécie de necropolítica (Achille Mbembe). Por se tratar de um sistema da produção da morte, chamar de necrocapitalismo seria mais apropriado¹⁰. A vida humana só importa enquanto

A vida humana só importa enquanto serve ao propósito de acumular riqueza. A pandemia desmascarou essa realidade.

serve ao propósito de acumular riqueza. A pandemia desmascarou essa realidade.

A acumulação de capital envolve invasão de territórios, escravidão, morte e destruição dos meios de vida. O capitalismo gera ‘espaços’ de morte. A falácia do progresso é utilizada para justificar a expulsão das comunidades tradicionais para a apropriação de seus recursos naturais. Há um vínculo entre a pandemia e o sistema agroalimentar por seus impactos ecológicos e sociais. As corporações transformam tudo em *commodities*.

Não se trata “apenas” de uma pandemia. É mais adequado falar de sindemia. As doenças interagem em um contexto potencializado por diversos fatores. Richard Horton, em editorial na revista *The Lancet*¹¹, aponta que, além do problema do contágio, das infecções e da doença, entram em jogo as condições ambientais, culturais, políticas e econômicas. A soma de problemas interagindo sinergicamente provoca uma “tempestade perfeita”, a sindemia. Entender a crise sanitária a par-

tir de um quadro conceitual mais amplo abre caminho para encontrar soluções mais adequadas.

Bolsonarismo

Bolsonarismo é uma ideologia da extrema-direita. O Brasil vive tempos obscuros resultantes da aliança entre setores do neopentecostalismo evangélico/católico, neoliberais e militares. O conservadorismo reacionário religioso é o principal elemento aglutinador da base social bolsonarista, cúmplices da tragédia nacional.

O ativismo evangélico-pentecostal-militar tem avançado sobre os três poderes da República. No Congresso, uma Frente Parlamentar Evangélica; no Executivo, ministros assumidamente evangélicos. No Judiciário, a Anajure (Associação Nacional de Juristas Evangélicos) dá respaldo ao bolsonarismo e trabalha para que evangélicos ocupem cadeiras no STF. Tamanho protagonismo evangélico no espaço público é inédito.

O país passou de uma república patriarcal católica branca de

oligarquias rurais para uma república patriarcal branca evangélica de empresários da indústria, da mídia e do sistema financeiro.

O capitalismo neoliberal se impõe sobre a democracia apoiado na repolitização reacionária de acento cristão. **Setores neoliberais do governo estão** recolonizando a economia nacional. O processo de desindustrialização e privatização das estatais, da entrega das riquezas naturais e dos serviços públicos ao capital aprofunda a perda da soberania nacional. Corporações internacionais vêm se associando aos grandes ruralistas ocupando terras para o controle dos recursos naturais. Uma elite está arrasando o país para sustentar um modelo que só é bom para ela.

O bolsonarismo é inimigo dos direitos humanos. Menos Estado para o povo brasileiro, mais Estado para o capital. O país retrocede em todos os direitos sociais

constitucionais: alimentação, moradia, saúde, educação, direitos trabalhistas, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados. Indígenas, populações tradicionais, quilombolas, populações periféricas foram abandonados pelo governo Bolsonaro. Na pandemia, milhares de mortes poderiam ter sido evitadas, e as mais chocantes desigualdades e injustiças poderiam ter sido enfrentadas.

São inúmeros retrocessos na garantia da proteção do direito à vida. O Brasil é um país com altíssimas taxas de homicídios com armas de fogo. Em 2020, mais de 50 mil pessoas foram assassinadas; 78% morreram vítimas de armas de fogo¹². E o governo incentiva compra de armas.

As grandes marcas do bolsonarismo na área ambiental serão o desmatamento, a mineração ilegal, as queimadas na Amazônia,

Uma elite está arrasando o país para sustentar um modelo que só é bom para ela.

O bolsonarismo é inimigo dos direitos humanos Menos Estado para o povo brasileiro, mais Estado para o capital.

a destruição dos biomas. Incentivados pelo governo, madeireiros, garimpeiros, grileiros, agronegócio e outros criminosos ambientais prosperam destruindo tudo.

A destruição da floresta se traduz inexoravelmente em uma agressão direta aos mais de 400 povos indígenas. O bolsonarismo aproveitou a pandemia para dismantelar uma sólida governança ambiental e indígena, conseguida após a redemocratização do país. Com o apoio do poder Legislativo, aproveitou a pandemia para “passar a boiada” (Ricardo Salles), sucatando o Ibama, flexibilizando medidas de proteção ambiental e retirando direitos dos povos indígenas. Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), 53.457 indígenas foram contaminados pela Covid-19 até o final de setembro. A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) contabiliza 1.208 mortes indígenas por coronavírus no mesmo período. Os povos indígenas tiveram que recorrer à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e ao Comitê da ONU contra a Discriminação Racial (CERD) para deter as atrocidades em curso.

“Está acontecendo um genocídio e um biocídio. A Igreja só pode estar com os índios e sua floresta. Uma Igreja amazônica, como quer o Papa” (Dom Edson

“Está
acontecendo
um genocídio
e um biocídio
A Igreja só
pode estar
com os índios
e sua floresta
Uma Igreja
amazônica,
como quer o
Papa.”

Damian, bispo da floresta e dos indígenas).

Resistências

A perseguição às organizações não governamentais e aos movimentos e lideranças sociais tornou-se política de governo. À medida que os ataques crescem, a resistência também aumenta, como mostraram a gigantesca manifestação dos povos indígenas no final de agosto contra o marco temporal e a das mulheres em Brasília.

Os movimentos sociais e as organizações políticas da esquerda estão sofrendo sua “crise de criatividade”. Dirigentes envelhecidos e métodos repetitivos não

têm a mesma eficácia de outros tempos. Apesar da urgência de enfrentar a extrema-direita, a esquerda parece não estar à altura do momento histórico. A busca por uma frente ampla contra o governo evangélico-militarizado de Bolsonaro não avança. Setores da socialdemocracia e do social-liberalismo querem sangrar Bolsonaro e apostam tudo em 2022.

Os movimentos sociais aproveitam os atos presenciais para se fortalecerem. A volta das manifestações de rua está desgastando o governo Bolsonaro, mas é preciso avançar para envolver cada vez mais setores da população nas mobilizações.

No momento em que os direitos humanos das maiorias sofrem os mais duros ataques e a democracia vive retrocessos, é preocupante a ausência do pensamento crítico. Intelectuais parecem descomprometidos e sem projeção social. Quem perde a batalha das ideias está fadado à derrota política. O país está afundado em insanidade. É desesperador constatar a decadência cultural da nação.

Enquanto a injustiça dilacera o Brasil em dois países – o país dos privilegiados e o país dos despossuídos –, não haverá paz nem verdadeira democracia. Como ser anticapitalista no século XXI?

1 . CHESNAIS, F. *La mondialisation du capital*. Paris: Syros, 1994.

2 . OXFAM Brasil, 2017. Uma economia para 99%. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/uma-economia-para-os-99/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

3 . FORBES, 2021. *Bilionários Forbes 2021: As pessoas mais ricas do mundo*. Disponível em: <https://www.forbes.com/billionaires/#:~:text=Jeff%20Bezos%20is%20the%20world's,from%20%248%20trillion%20in%202020>. Acesso em: 1º out. 2021.

4 . Lurdete Ertel e Rogério Maroja. 10 maiores bilionários brasileiros em 2021. *Forbes Brasil*, 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/08/10-maiores-bilionarios-brasileiros-em-2021/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

5 . Beatriz Calais e Juliana Andrade. Bilionários brasileiros da área da saúde são os que mais ganharam dinheiro durante a pandemia. *Forbes Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com.br/forbes-money/2021/02/bilionarios-brasileiros-da-area-da-saude-sao-os-que-mais-ganharam-dinheiro-du>

rante-a-pandemia/#foto10. Acesso em: 15 mar. 2021.

6 . Ollie Williams. 266 bilionários escondem suas riquezas em Luxemburgo. *Forbes Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com.br/forbes-money/2021/02/266-bilionarios-escondem-suas-riquezas-em-luxemburgo>. Acesso em: 15 mar. 2021.

7 . NUZZI, Vitor. País tem número recorde de desempregados: 14,3 milhões. E exército de desalentados cresce. *Rede Brasil Atual*, 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2021/03/pais-recorde-de-desempregados-desalento-cresce/>.

8 . Hamilton Ferrari. Desemprego atinge 46,3% entre os mais jovens. *Poder 360*, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/desemprego-atinge-463-entre-os-mais-jovens>. Acesso em: 8 out. 2021.

9 . Observatório do Clima, 2021. IPCC AR6 WG1: resumo comentado. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/ipcc-ar6-wg1-resumo-comentado/>. Acesso em: 24 set. 2021.

10 . BANERJEE, S. *Necrocapitalism. Organization Studies*, 29(12), 2008, 1541-1563.

11 .Richard Horton. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: 27 set. 2021.

12 . FÓRUM DE SEGURANÇA, 2021. Anuário de Segurança Pública 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

FRATELLI TUTTI

DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS ECLESIAIS PARA A EVANGELIZAÇÃO

Dom José Belisário da Silva, OFM

Somos todos irmãos e irmãs

Sob a inspiração de São Francisco, que, em plena situação de conflito armado, superou as barreiras políticas e religiosas de seu tempo ao cruzar as linhas de batalha para encontrar-se com o Sultão Malik-al-Kamil, a última encíclica do Papa Francisco se dirige a todos os seres humanos. Como seguidores e admiradores do santo de Assis, devemos ser gratos ao Papa, que encontrou maneira tão feliz para celebrar os oitocentos anos deste encontro.

Queiramos ou não, vivemos numa casa comum. Em princípio, respiramos o mesmo ar, pisamos o mesmo solo, alimentamo-nos dos mesmos frutos que a terra produz. Mais ainda! Nossa origem é a mesma. O livro de Gênesis diz que todos somos feitos do pó da terra, fato esse comprovado pelas ciências – geneticamente somos todos iguais. Não existem raças. Simplesmente, existem os seres humanos. Inescapavelmente, somos “*fratelli tutti*”, todos irmãos e irmãs. Se exercemos mal essa fraternidade, se somos bons ou maus, é outra questão.

A Encíclica *Fratelli Tutti* parte da constatação de que somos todos irmãos e irmãs. É um fato para o qual não há fronteiras nem de ordem política, nem de ordem social ou religiosa.

Dividimos este artigo em três partes. Parece-me que não é forçar o texto quando o dividimos nos três momentos tradicionais propostos pelo método jocista: ver, julgar e agir.

Ver – Sombras De Um Mundo Fechado

Infelizmente nem sempre nos comportamos como bons irmãos e irmãs. Primeiramente, portanto, é preciso chamar a atenção para algumas tendências que dificultam a vivência da fraternidade universal. É o que faz a Encíclica.

O século XX conheceu o surgimento de ideologias extremistas que, junto com outras circunstâncias, estão na origem de genocídios e mortandades. Felizmente, após duas guerras mundiais e por revoluções sociais cujo resultado foi a perda de muitas vidas, aconteceram esforços de pacificação e reaproximação. Funda-se a ONU, constrói-se a União Europeia e, em outras partes do planeta, acontecem aproximações regionais. Parecia que esses esforços tinham sido bem-sucedidos. Inesperadamente, porém, estes

extremismos da primeira metade do século XX parecem estar de volta. O que tem acontecido no Brasil nos últimos anos ilustra bem essa constatação. Posições e opiniões exacerbadas têm produzido polarizações tão profundas que praticamente impedem o diálogo.

Talvez, como ilustração, posamos citar o que aconteceu no encontro de Enfrades em 2018. Discussões chegaram a um ponto tão desagradável e até ofensivo que quase se teve de suspender o encontro. Aliás, algo semelhante aconteceu no grupo de diáconos permanentes em São Luís. Se isso pode acontecer entre companheiros de longa data, unidos por experiências de vida compartilhadas, imaginemos o que pode acontecer numa sociedade marcada por desigualdades antigas e persistentes?

Há de se reconhecer que o sonho de um mundo mais unido e justo, surgido após as duas guerras mundiais, se desfez. Mas há outras sombras que são sinais de regressão.

A Encíclica fala da perda da consciência histórica. Verifica-se

Posições e opiniões exacerbadas têm produzido polarizações tão profundas que praticamente impedem o diálogo.

uma tendência em achar que estamos começando tudo do zero. Talvez por falta de informação – em alguns casos é por burrice mesmo – ou por falta de esforço em compreender o momento presente, muitos assim pensam e agem. Outros, porém, propagam essa atitude com intenções ocultas, escondendo seus verdadeiros objetivos, como o Papa já tinha afirmado na Exortação Pós-Sinodal do Sínodo para a Juventude:

Se uma pessoa lhes faz uma proposta e lhes diz para ignorar a história, que não levem em consideração a experiência dos idosos, que desprezem todo o passado e só olhem para o futuro que essa pessoa lhes oferece, essa não seria uma maneira fácil de atraí-los para a proposta dela, para que vocês só façam o que ela diz? Essa pessoa os quer vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, de modo que só confiem em suas promessas e se submetam aos seus planos. Assim funcionam as ideologias de diferentes cores, que destroem (ou des-constroem) tudo o que é diferente e, dessa maneira, podem reinar sem oposições. Para isso, precisam de jovens que desprezem a história, que rejeitem a riqueza espiritual e humana que se foi transmitindo através das gerações, que ignorem tudo o que os precedeu (*Christus vivit*, 181).

A par da inexistência de um projeto que leve em consideração toda a humanidade, o Papa chama atenção para a cultura do descarte. “Objetos de descarte não são apenas os alimentos ou os bens supérfluos, mas muitas vezes os próprios seres humanos” (*Discurso ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé* – 11.01.2016; citado no nº 19). Não há um projeto para todos. Grandes setores da humanidade são como se não existissem. Precisamos nos constituir como um “nós”, diz o Papa. Um nós que habita a Casa Comum.

Todas essas atitudes fechadas e intolerantes se revelam escancaradamente na comunicação digital. É o que o Papa chama de agressividade despudorada. Em vez de sentar-se umas ao lado das outras, as pessoas estão preferindo vincular-se remotamente, de maneira constante e obsessiva, fato que favorece

o efervescimento de formas insólitas de agressividade, com insultos, impropérios, difamação, afrontas verbais que chegam a destroçar a figura do outro, em um desregramento tal que, se existisse no contato pessoal, acabaríamos todos por nos destruir mutuamente. A agressividade social encontra um espaço de ampliação incomparável nos dispositivos móveis e nos computadores (44).

O fato é que temos muita informação, mas pouca sabedoria. Há um déficit de silêncio e de escuta, afirma o Papa. Transformamos tudo em cliques e mensagens rápidas e ansiosas, colocando em risco uma verdadeira comunicação humana.

As sombras de nosso tempo são, portanto, densas. Não podem ser ignoradas. A esperança, porém, não desapareceu, como se pode constatar neste tempo de pandemia.

A recente pandemia permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, no medo, reagiram dando a própria vida. Fomos capazes de reconhecer como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada: médicos, enfermeiros e enfermeiras, farmacêuticos, empregados dos supermercados, pessoal de limpeza, cuidadores, transportadores, homens e mulheres que trabalham para fornecer serviços essenciais e de segurança, voluntários, sacerdotes, religiosas... compreende-

ram que ninguém se salva sozinho (Francisco. *Homilia durante o momento extraordinário de oração em tempos de epidemia* – 27.03.2020; citado no nº 54).

Julgar – Um estranho à beira do caminho

A realidade descrita até aqui nos questiona. Não se trata de uma descrição asséptica. É preciso refletir sobre ela. O Papa nos propõe, a modo de um ícone iluminador, a parábola do bom samaritano. Diante deste ícone, diz o Papa, manifesta-se a opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir nosso mundo ferido.

Embora a Encíclica se dirija a todas as pessoas de boa vontade, o Papa propõe para a reflexão a parábola evangélica do bom samaritano, uma vez que “a parábola em questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela”.

Na parábola aparecem várias personagens: o homem ferido à beira do caminho, os salteadores,

Transformamos tudo em cliques e mensagens rápidas e ansiosas, colocando em risco uma verdadeira comunicação humana.

o sacerdote, o levita e, por fim, o samaritano. A pergunta que se impõe: com qual dessas personagens nos identificamos? Possivelmente, podemos nos identificar com mais de uma dessas personagens.

“Um homem descia de Jerusalém para Jericó”. Este é a primeira personagem. É um anônimo, isto é, não tem nome. Com os santos padres, podemos identificá-lo simplesmente com o ser humano ou a humanidade, golpeada e deixada quase à morte pelos salteadores.

As pessoas que passam à distância eram pessoas religiosas, certamente vindas do Templo onde teriam exercido funções religiosas. Sobre estes e os salteadores, o Papa faz uma observação tão inesperada quanto maliciosa: “Habitualmente os ‘salteadores do caminho’ têm, como cúmplices, aqueles que ‘passam pelo caminho olhando pelo outro lado’ (75)”.

Finalmente há o habitante da Samaria. Pelo que parece, ele andava a negócios, montado em seu animal. Vale dizer, ele tinha suas próprias ocupações. Não era propriamente uma pessoa religiosa. Acontece aí o paradoxo: “[...] às vezes, aqueles que dizem que não acreditam podem viver melhor a vontade de Deus do que aqueles que creem (74)”.

Em resumo:

A narração – digamo-lo claramente – não desenvolve uma doutrina feita de ideais abstratos, nem se limita à funcionalidade de uma moral ético-social. Mas revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferente à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído ‘nas margens da vida’. Isso deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer de nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isso é dignidade (68).

Agir – Um olhar esperançoso para o futuro

O valor maior é a vida. E “ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar” (87). Citando-se a si mesmo, o Papa dá início à parte propositiva da Encíclica.

A vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade. A vida é mais forte do que a morte quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e viver como ilhas: nessas atitudes, prevalece a morte. (*Alocução do Angelus*, 10.11.62019; citado no nº 87).

Pensar e gerar um mundo aberto

É preciso crer que o mundo pode ser mudado para melhor. Sem esperança não se caminha. Trata-se de ter um olhar aberto e generoso. Não podemos reduzir nossa vida a um pequeno grupo, diz o Papa. Mesmo que esse pequeno grupo seja minha família. Concretamente, no nosso caso, poderíamos dizer: mesmo que esse grupo seja a Província de Santa Cruz.

Também a propriedade há de ser aberta. Retomando as pregações dos santos padres e da Doutrina Social da Igreja, o Papa nos convida a repropor a função social da propriedade.

O mundo existe para todos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos (118).

O horizonte há de ser universal. As fronteiras, portanto, devem ser relativizadas. Duas sentenças, aparentemente contraditórias, ilustram essa afirmação:

Há narcisismos bairristas que não expressam um amor sadio pelo próprio povo e pela sua cultura.

Não é possível ser saudavelmente local sem uma sincera e cordial abertura ao universal (ver nº 146).

Uma política melhor

Para que povos e nações vivam melhor a fraternidade, é necessária uma política melhor, que esteja a serviço do verdadeiro bem comum. Algumas formas desta política dificultam o caminho para um mundo diferente. Concretamente, a Encíclica faz a crítica de duas formas de se fazer política.

Nas formas populistas de se governar, desprezam-se os mais vulneráveis, servindo-se deles para seus fins particulares. Já no liberalismo e neoliberalismo, a política se põe a serviço dos interesses econômicos dos poderosos. Seja como for, o Papa insiste no que já afirmara na *Laudato Si'*, nº 189: “A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia”.

Mais do que um amor inter-pessoal, precisamos ter um amor político e um amor social.

Ajudar individualmente uma pessoa é bom. Mas isso não basta. É necessário um amor político que seja eficaz. Mas, atenção!

Nem sempre se trata de obter grandes resultados ou resultados imediatos. Estes, às vezes, não são possíveis. A Encíclica fala da necessidade de se desencadearem processos de fraternidade e de justiça cujos frutos serão colhidos por outros. A boa política carrega em si uma promessa.

A opção pelo diálogo

Como enfrentar uma realidade que se apresenta de maneira tão confusa e complexa? Alguns, diz a Encíclica, refugiam-se em mundos privados. Já outros a enfrentam com violência destrutiva. Há, porém, uma outra possibilidade: “Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo” (199).

Em tempos de mídias digitais, um cuidado há de ser tomado.

Muitas vezes confunde-se o diálogo com algo muito diferente: uma troca de opiniões exaltadas nas redes sociais, muitas vezes causada por uma informação da mídia nem sempre confiável. Não passam de monólogos que avançam em paralelo, talvez chamando a atenção dos outros pelo

tom agressivo. Mas os monólogos não envolvem ninguém, a ponto de seus conteúdos muitas vezes serem oportunistas e contraditórios (200).

Uma cultura do encontro

O Papa volta a afirmar que temos necessidade de uma nova cultura – uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. E aqui o Papa nos surpreende ao citar uma frase do samba de Vinicius de Moraes, o *Samba da Bênção*: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (215).

Algumas conclusões pessoais

Não podemos desanimar. Dois conceitos retirados das ciências – um da História, outro da Geometria – me têm ajudado em minha vida de frade e de pastoreio.

O primeiro conceito é retirado da História. Entre as mudanças de ordem política, social e outras, estudadas pela História, há algumas que são de *longa duração* – são as mudanças de fundo ou estruturais. Estas não se realizam de uma hora

“Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo” (199).

para outra, mas precisam de anos e anos, às vezes até de séculos, para que se concretizem. Além disso, não são visíveis para quem as observa de perto. À semelhança da curvatura de uma linha comprida, só podem ser vistas de alguma distância. O historiador Eduardo Hornaert dá como exemplo a escravidão. São Paulo já afirmava “que não há escravo nem livre”, mas foram necessários quase vinte séculos para que a escravização fosse declarada ilegal pelo Direito universal.

O outro conceito é retirado da Geometria. É o conceito de espiral. Nela o movimento tan-

to pode ser ascendente quanto descendente. Na Ética, chamaríamos o movimento ascendente de círculo virtuoso e o movimento descendente, de círculo vicioso. Nas nossas vidas pessoais, mas também na vida das instituições, é importante que o movimento seja sempre virtuoso. Como no caso das mudanças de longa duração, na maioria dos casos, esse movimento é quase imperceptível. Daí a importância de um discernimento constante para que – tanto em nossas vidas pessoais, como na vida de nossas instituições – não venham a acontecer situações irremediáveis.

Daí a importância de um discernimento constante para que não venham a acontecer situações irremediáveis.

FRATELLI TUTTI E A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

Frei Celso Márcio Teixeira, OFM

Grande distância cultural separa o séc. XIII do séc. XXI. E quando se fala de distância cultural, se pensa no modo de pensar, de viver, de agir, de relacionar-se, de sobreviver, de existir.

Um homem do séc. XIII, Francisco de Assis, que se julgava o mais insignificante de todas as criaturas, teve intuições profundas e universais capazes de inspirar grandes pensadores através dos séculos. E o Papa Francisco, homem do séc. XXI de inúmeros problemas sociais, inclusive de uma pandemia, declara ter-se inspirado no “pobre” do séc. XIII. Para dialogar com o tempo presente, o Papa procura antes dialogar com o séc. XIII. Encontra em Francisco de Assis o seu interlocutor e tenta traduzir para a realidade concreta de hoje algumas intuições do mais pobre dos santos.

Este brevíssimo ensaio não pretende ser exaustivo, apenas faz uma comparação da *Fratelli Tutti* com a espiritualidade franciscana. De início, aborda uma visão panorâmica da encíclica em estudo. Depois, toca em alguns pontos de aproximação da encíclica com a espiritualidade franciscana. Finalmente, ocupa-se de um tema em que se percebe uma não convergência entre a encíclica e a proposta franciscana, o que não

desmerece nem a visão do Papa nem a de São Francisco.

1 – Visão panorâmica da encíclica

A encíclica contém chaves que permitem a alguém entrar no texto, familiarizar-se e dialogar com ele e ter uma compreensão global.

a) Uma encíclica social

A *Fratelli Tutti* insere-se no rol das grandes encíclicas sociais da Igreja. Diz o Papa: “Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão” (n. 6).

Encíclica é um gênero literário bem específico. É um texto escrito para “circular”, para ser difundido até os últimos recantos. Por isso, embora tenha sido escrita pela autoridade maior da Igreja Católica, a encíclica não se limita aos católicos, tendo como destinatários todos os homens e mulheres de boa vontade. Não se trata de pretensão, mas do mandato de Cristo de anunciar o evangelho a todos os povos.

Uma exortação apostólica difere de uma encíclica, pois se dirige geralmente aos membros da própria Igreja, contendo normas

pastorais ou doutrinárias *intra ecclesiam*. As encíclicas sociais, como o adjetivo indica, estão voltadas para os problemas sociais que afligem a humanidade inteira. Elas dizem uma palavra de orientação ao mundo do trabalho, da política, da economia, da relação das pessoas.

b) O título e a preocupação de fundo

O título de uma encíclica geralmente é tirado das primeiras palavras do documento. Na *Fratelli Tutti*, o Papa quis colocar no título o tema fundamental da encíclica: “Todos Irmãos”. O propósito é convocar os homens e mulheres a uma compreensão da vida em que todos sejam “indistintamente irmãos e irmãs”, como dizia o seráfico pai Francisco. Pois uma transformação do mundo passa necessariamente por relações humanas baseadas na compreensão de que todos são irmãos e irmãs. Não se pode construir um mundo novo sem a busca de uma fraternidade universal.

Ao propor a fraternidade universal, ele alerta para as ilusórias amizades virtuais e convoca os países a abandonarem a ideia

Não se pode construir um mundo novo sem a busca de uma fraternidade universal.

de “sócio” ou de “parceiro” para adotarem a de “irmão”.

claramente a inspiração em São Francisco, fez questão de assiná-

A disparidade entre ricos e pobres é a mais concreta prova da falta de fraternidade.

E a grande preocupação que perpassa toda a encíclica, como *leit-motiv* da proposta da fraternidade universal, é a preocupação com os pobres em suas diversas formas. A disparidade entre ricos e pobres é a mais concreta prova da falta de fraternidade. O Papa percebe que os abismos existentes entre as pessoas, entre países ricos e pobres, entre poderosos e sem poder, só podem ser superados pela prática de uma fraternidade em todos os níveis. Pobres são os que têm sua cultura sufocada pelos poderosos do mundo, os migrantes, os abandonados, os marginalizados, os doentes, os descartados, os últimos, os famintos e sofredores de diversas maneiras colocados à margem da vida.

c) *Inspiração*

O Papa Francisco tem procurado aproximar-se cada vez mais de Francisco de Assis. A encíclica *Laudato si'* foi o primeiro grande indício de ter-se ele inspirado no santo assisense. Agora, na encíclica *Fratelli Tutti*, além de afirmar

-la em Assis, junto ao túmulo e no dia em que se comemora o trânsito do pai seráfico. O encontro com o Ímã Ahmed-Al-Tayyeb, exatamente no oitavo centenário do encontro de Francisco de Assis com o sultão Malik-Al-Kamil, não deixa de ser significativo. Na carta convocatória a jovens para um encontro sobre economia, intitulado “Economia de Francisco”, ele declara de maneira inequívoca a inspiração em São Francisco. Diz literalmente: “O nome deste evento – “Economia de Francisco” – tem clara referência ao Santo de Assis e ao Evangelho que ele viveu em total coerência também no plano econômico e social. Ele nos oferece um ideal e, de alguma forma, um programa. Para mim, que assumi seu nome, ele é uma fonte contínua de inspiração”.

Evidentemente, o lugar da realização do evento, adiado por causa da pandemia, seria Assis.

d) *Uma visão plural*

Embora afirme que a inspiração fundamental do tema prove-

nha de Francisco de Assis, o Papa, numa visão fraterna e ecumênica, afirma coerentemente que se inspira também em outros, como o Ímã Ahmed-Al-Tayyeb, o Patriarca Bartolomeu, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Desmond Tutu, Charles de Foucauld (cf. n. 286-287). E cita não somente os documentos do magistério e de teólogos católicos, mas também pensadores e filósofos da mais variada procedência: o sábio judeu Hillel (séc. I a.C); o poeta Virgílio, que numa eclesiologia antiga seria classificado como pagão; Gabriel Marcel, filósofo convertido ao catolicismo; Paul Ricoeur, filósofo protestante; o sociólogo e filósofo Georg Simmel, judeu convertido ao cristianismo; Vinicius de Moraes, poeta e músico brasileiro; Wim Wenders, cineasta.

A base para o ecumenismo é a fraternidade. Sem fraternidade, não há ecumenismo.

e) A arquitetura do documento

Após uma introdução em que trata da inspiração para escrever a encíclica e fala do encontro e parceria com o Ímã Ahmed-Al-Tayyeb, o Papa faz uma análise da situação mundial neste século. Significativo é o título do primeiro capítulo: “Sombras de um mundo fechado”. Corresponde ao “ver” do conhecido método “ver-julgar-agir”.

No segundo capítulo, ele tece belo comentário sobre a parábola do samaritano, mostrando como a desgraça do assaltado da parábola se concretiza de diversas formas em todo o mundo. Este capítulo pode ser considerado a alma de todo o documento e corresponde ao “julgar”.

Nos capítulos seguintes, o Papa apresenta uma série de valores a serem cultivados para que se alcance uma fraternidade universal (o “agir”). Retoma os valores propostos pela burguesia medieval e ressuscitados na Revolução Francesa, a saber, liberdade, igualdade e fraternidade, acrescentando a solidariedade, a amabilidade das relações humanas, a acolhida, chamando a atenção para uma boa política, em que a economia esteja voltada para a construção de um mundo fraterno (cap. V), não o contrário. Insiste na importância do diálogo e da amizade na construção de um mundo novo (cap. VI). Aborda, em seguida, o problema das guerras e da pena de morte como injustificáveis em um mundo fraterno (cap. VII). Finalmente, convoca todas as religiões a colocarem-se a serviço da fraternidade no mundo (cap. VIII), fazendo forte apelo para que “as religiões nunca incitem à guerra e não provoquem sentimentos de ódio, hostilida-

de, extremismo nem convidem à violência ou ao derramamento de sangue” (n. 285).

E conclui com uma oração ao Criador e outra oração cristã ecumênica.

2 – Pontos de aproximação entre a encíclica e a espiritualidade franciscana

Embora enfatize ter-se inspirado em Francisco de Assis, o Papa não se propõe fazer uma análise minuciosa do pensamento e da prática do santo assisense. Nem se poderia esperar que o fizesse. Ao leitor cabe estabelecer esta aproximação. Na encíclica, encontram-se elementos que recordam a prática de Francisco de Assis.

a) O conceito de fraternidade universal

São Francisco não era teólogo, não elaborou conceito de fraternidade universal. O que se pode afirmar é que tinha um agudo senso de universalidade e de fraternidade.

Quanto ao senso de universalidade, ele não era homem para espaços limitados. Quando com-

preendeu que sua vocação era pôr em prática o mandato de anunciar o Evangelho, começou imediatamente a pregar em Assis, sua cidade. Dois meses depois, ao receber três companheiros, já se propôs pregar fora dos limites de Assis, partindo dois para uma direção, dois para outra. Quando eram oito, partiram dois a dois pelos pontos cardeais. Nove anos depois da primeira experiência de pregação, os frades menores foram enviados a vários países da cristandade: Alemanha, Hungria, França e Espanha, Síria (habitada por poucos cristãos com maioria muçulmana).

A *Aliança Sagrada*, texto muito próximo das origens do franciscanismo, mostra de modo poético esse senso de universalidade: “Nosso claustro é o mundo” (cf. Al 30, 25). A itinerância, o andar pelo mundo, que se tornou parte da identidade do frade menor, era um sinal concreto dessa universalidade. O frade menor não tem lugar fixo. É sempre lançado pelo Evangelho para além de qualquer fronteira.

Basta recordar que Francisco chamava todos de irmãos e de irmãs, inclusive as criaturas, desde os astros até o vermezinho da estrada.

Quanto ao senso de fraternidade, cada um que ele encontra é irmão. Basta recordar que Francisco chamava todos de irmãos e de irmãs, inclusive as criaturas, desde os astros até o vermezinho da estrada.

Deste modo, à medida que Francisco alargava os espaços de evangelização, alargava também o senso de universalidade e de fraternidade. Quando se dirige ao sultão, trata-o não como inimigo – como era comum na cristandade –, mas como irmão.

O papa vê na visita de Francisco ao sultão o exemplo de fraternidade universal. Diz: “Na sua vida, há um episódio que nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião: é a sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito” (n. 3). E manifesta seu desejo: “Possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade... Sonhemos como uma única humanidade..., cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (n. 8).

b) A parábola do samaritano

Nos escritos de São Francisco, não há uma alusão sequer à parábola do samaritano. Mas está muito presente na prática dele. O

pobre de Assis não encontrou pelo caminho alguém que tinha sido assaltado por ladrões. Encontrou um leproso, assaltado em sua dignidade pela sociedade que, pelo preconceito, o deixava caído à beira da estrada. E Francisco teve a tentação de passar ao largo, exatamente como o sacerdote e o levita da parábola. Ele fazia parte da sociedade preconceituosa que atira os pobres para a marginalidade. Como ele próprio afirma, não suportava sequer olhar para os leprosos. Nem sentir o mau cheiro deles.

Vencendo-se a si mesmo, a partir daquele encontro, descobriu o irmão que sofre, descobriu a compaixão. Beijou aquele leproso e pôs-se a serviço dele e de outros, lavando-lhes as chagas purulentas e malcheirosas. Uma verdadeira experiência do bom samaritano.

E quantas vezes ele socorreu outros pobres! Quantas vezes, compadecido do sofrimento do pobre, lhe deu sua própria capa, preferindo sentir frio a deixar que o pobre o sentisse! As hagiografias dele estão repletas de casos de compaixão para com os que sofrem.

A parábola do samaritano quer mostrar que a fraternidade não é teoria, mas deve concreti-

zar-se em atitudes práticas. A parábola é muito feliz para mostrar que a fraternidade universal se manifesta em atitudes concretas, pontuais. O Papa, com a parábola, mostra sua preocupação para com todos os pobres, tema que perpassa toda a encíclica e vê em Francisco de Assis o amor concreto ao leproso, ao pobre.

c) Sacramentalidade do pobre

O Papa, mostrando sempre sua preocupação pelos pobres, cita uma frase muito contundente de São João Crisóstomo: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez” (n. 74).

a mim o fizestes (ou deixastes de fazer)” (Mt 25, 40.45).

Conhecido de todos é aquele episódio em que São Francisco repreendeu seu companheiro que tinha injuriado um pobre. Depois de mandar que o companheiro se prostrasse aos pés do pobre e lhe pedisse perdão, ele concluiu: “Quando vês um pobre, ó irmão, te é proposto o espelho do Senhor e de sua Mãe pobre. Considera igualmente nos enfermos as enfermidades que ele assumiu por nós” (2Cel 85, 7-8).

d) Diálogo e paz

É explícita na encíclica a alusão à ida de Francisco ao sultão como atitude de “um coração sem fronteiras, capaz de superar distâncias de proveniência, de nacionalidade, de cor ou de religião”

O pobre para ele é uma presença do Cristo pobre e sofredor.

Não se sabe se São Francisco conhecia este texto de São João Crisóstomo. Uma coisa, porém, é certa: ele tinha a mesma visão sacramental do pobre. O pobre para ele é uma presença do Cristo pobre e sofredor. Sem dúvida um eco das palavras de Cristo no Evangelho de Mateus: “O que fizestes (ou deixastes de fazer) a um dos meus irmãos pequeninos,

(n. 3). Deve-se notar que, na sociedade medieval, o muçulmano não era considerado apenas um estrangeiro, mas um “inimigo” a ser aniquilado. É inegável que Francisco vai ao sultão com uma visão totalmente nova. Daí a pergunta: Qual a finalidade de ida de Francisco até o sultão?

Os relatos contidos nas Fontes Franciscanas são mesclados

de acontecimentos históricos, de interpretações claramente subjetivas, de exageros, de lendas. Autores antigos enfatizam que Francisco foi ao sultão em busca do martírio; autores modernos veem no episódio o início do diálogo inter-religioso. Alguns pontos podem ser identificados como certos:

1º: A finalidade principal da ida de Francisco ao Sultão era “levar o evangelho a todas as nações”. Apesar de toda uma mística do martírio na Idade Média, é pouco provável que a finalidade tenha sido a busca do martírio, embora não se deva negar que ele estivesse disposto a ele.

2º: Chegando a Damietta, ele percebeu que a evangelização naquele momento significava fazer uma proposta de paz, como fazia nas cidades da Itália, quando levava “famílias em guerras sangrentas” (n. 4) a celebrarem pactos de paz. Poderia tentar estabelecer pactos de paz com os muçulmanos.

3º: Preferiu o caminho do diálogo, não o da pregação; o da cordialidade, não o da apologia e das disputas teológicas, “sem guerras dialéticas que impõem doutrinas, mas comunicando o amor de Deus” (n. 4).

e) *Uma compreensão da economia*

Antes de publicar a *Fratelli Tutti*, o Papa já tinha tido uma inspiração em Francisco de Assis para tratar o tema da economia. O planejado evento “Economia de Francisco”, segundo a já citada carta convocatória, inspirava-se no santo de Assis. Daí surge a pergunta: O que Francisco de Assis tem a oferecer à discussão de um tema que parece tão alheio ao defensor da pobreza?

Quatro ideias básicas resumem o pensamento de São Francisco sobre a economia:

1º: O cuidado dos irmãos. Todo fruto do trabalho e das esmolas (estas quando o salário do trabalho não fosse suficiente) vi-savam ao cuidado dos irmãos, a

O Papa pensa em uma economia que esteja em função de uma boa política, não o contrário; uma política que acabe com a fome e restitua a dignidade aos pobres.

satisfazer às necessidades básicas deles: alimentação, vestes, saúde.

2º: A partilha. Tudo o que os irmãos recebiam era partilhado entre todos e com os demais pobres. Não se fazia reserva.

3º: Vida sóbria, sem luxo, sem desperdício e sem supérfluo.

ção social de qualquer forma de propriedade privada”. E na linha tomista, concebe-a como “um direito natural, primordial e prioritário”, embora afirme o caráter secundário desse direito, pois “derivado do princípio do destino universal dos bens criados” (n. 120; cf. 123).

“Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa nem de lugar nem de coisa alguma.”

4º: Uso respeitoso da terra que significava a não depredação do meio ambiente.

O Papa pensa em uma economia que esteja em função de uma boa política, não o contrário; uma política que acabe com a fome e restitua a dignidade aos pobres. Pensa em uma economia em que o planeta Terra, nossa casa comum, seja por todos respeitado.

3 – Um ponto não convergente entre a encíclica e a espiritualidade franciscana

O Papa Francisco, na linha das encíclicas papais anteriores, aborda o tema da propriedade privada, reafirmando a função social dela: “A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada e salientou a fun-

Em questão de propriedade, Francisco de Assis é mais radical, embora não queira impor sua radicalidade a outras pessoas. Propõe a sua radicalidade apenas aos que o seguem. O princípio da “não propriedade” é explícito: “Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa nem de lugar nem de coisa alguma” (RB 6, 1). E sua prática foi coerente, pois desde o início de sua conversão até a morte ele não quis possuir absolutamente nada.

Em seus escritos, ele não dá a razão de seu princípio de “não propriedade”. Pode-se colher seu conceito de propriedade em um diálogo que tivera com o bispo de Assis. Vendo que Francisco levava vida bastante dura sem uma propriedade da qual pudesse colher o sustento dos frades, o bispo lhe teria proposto que aceitasse algu-

O silogismo é simples: se queremos um mundo de fraternidade, devemos renunciar a todo direito de propriedade;

ma. Ao que Francisco respondeu: “Senhor, se tivermos qualquer propriedade, nos serão necessárias armas para nossa proteção. Pois daí originam questões e muitas desavenças, e a partir disso costuma ser estorvado, de muitas maneiras, o amor a Deus e ao próximo. É por isso que não queremos neste mundo possuir nada de temporal” (LTC 35, 6-8).

Francisco vê na propriedade privada a origem de desavenças entre famílias, portanto algo que impede o amor a Deus e ao próximo. O silogismo é simples: se queremos um mundo de fraternidade, devemos renunciar a todo direito de propriedade; ou em outras palavras: num mundo fraterno não há espaço para a propriedade privada.

Na mesma linha de São Francisco está Santa Clara. Acossada por conselhos de muitas partes a ter alguma propriedade para o sustento das irmãs, ela consegue do Papa Inocêncio III o Privilégio da Pobreza, o direito de não possuir propriedade nem de ser obrigada por nenhuma autoridade a possuí-la.

Os pensadores franciscanos, nas décadas seguintes, é que elaboraram uma reflexão muito própria sobre a propriedade privada. Alexandre de Hales faz uma distinção entre lei natural e lei positiva. Para ele, a lei natural foi dada ao ser humano no estado de inocência, antes do pecado; a lei positiva, ao invés, no estado do ser humano depois do pecado. No estado de inocência, não havia o direito de propriedade privada, mas o poder de uso para a sobrevivência. A lei positiva, por sua vez, é lei instituída pela sociedade (não por Deus) para controlar a avareza, a ganância, o desejo ilimitado de posse do ser humano. A propriedade privada tem seu fundamento em uma lei positiva, porque o ser humano perdeu o senso do uso comum dos bens.

Para Duns Scotus, não há uma lei natural que permita ao ser humano apropriar-se de bens de maneira privada. O desregramento em apropriar-se é devido à história, não à natureza humana. Deste modo, não se pode usar o direito natural para legitimar a propriedade privada como se esta

correspondesse à índole originária da natureza humana.

São Francisco, com o princípio de não propriedade, intuitivamente propõe uma sociedade fraterna condizente com o estado de inocência. Esta é a radicalidade de uma visão franciscana: se queremos que o mundo evolua na direção de uma fraternidade universal, não se justifica a propriedade privada, muito menos com base em uma lei natural. A propriedade privada, historicamente, sempre foi e é fator de divisão entre os seres humanos.

A propriedade privada, historicamente, sempre foi e é fator de divisão entre os seres humanos.

Com suas atitudes, Francisco critica tacitamente um direito que nega aos pobres o que lhes é necessário. Se há pobres, é porque alguém lhes está subtraindo. Na linha de João Crisóstomo (“são dos pobres os bens que possuímos”), de Gregório Magno (“aos pobres não oferecemos o que é nosso, mas restituímos o que lhes

pertence”) e de São Basílio Magno (“o manto que tendes no armário pertence ao pobre”), Francisco também se julgava um ladrão, se não restituísse ao pobre o manto que usava (cf. 2Cel. 87).

Há os que queiram atribuir a Francisco, como justificativa da “não propriedade”, a ideia de que Deus é o proprietário de tudo. Apresentam como fundamento o texto: “E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens” (RnB 17, 17).

Duas razões contra esta opinião: a primeira é a indevida interpretação de “bens” como “bens materiais”; a segunda é que este argumento justifica antes a hoje chamada teologia da prosperidade, de que não se encontra nenhum resquício nos escritos de São Francisco, a não ser quando indevidamente interpretados.

Conclusão

A *Fratelli Tutti*, ao retomar o ideal de fraternidade universal embrionário em Francisco de Assis, torna-se um instrumento de inestimável riqueza para a evangelização do frade menor. Evangelização aqui tomada em duplo sentido: no de ser evangelizado e no de evangelizar. Dois

sentidos inseparáveis, pois, se o frade menor quiser evangelizar outras pessoas, precisa primeiro ser evangelizado. Se assim não for, sua obra evangelizadora não terá credibilidade.

O Papa Francisco, com a encíclica, propõe uma conversão nas relações humanas. Aponta a fraternidade como o ideal a ser alcançado. Mostra um caminho: o mundo só será melhor se os seres humanos modificarem suas relações entre e si e com o mundo.

o mundo só será
melhor se os
seres humanos
modificarem
suas relações
entre e si e com
o mundo.

IN
MEMO
RIAM

FREI FELICIANO VAN SAMBEEK (1928-2021)

**Geraldo van Buul, OFM*

Eu tinha 11 anos quando vi Frei Feliciano pela primeira vez. Era Páscoa, início de abril de 1953. Eu estava no meio de muita gente, na rua, em Veldhoven, quando ele, entre seu pai, Sjef van Sambeek, e sua mãe, Mietje Mannaers, chegou à Igreja de Santa Cecília para sua primeira missa. Tal festa era um acontecimento e tanto naquela época, mais ainda num lugar pequeno como Veldhoven e com alguém de uma família conhecida da cidadezinha onde seu pai tinha uma fábrica de sapatos.

Inicialmente frequentou o ensino primário em Veldhoven, passando depois ao internato Ruwenberg dos Fráteres da Misericórdia em Sint Michielsgestel. Desejando ser sacerdote, teve uma ampla gama de exemplos na família: tios e primos, padres seculares ou religiosos. Certa vez, ele me contou que seu pai, que frequentara o ginásio franciscano em Venray, onde foi colega de classe de Frei Liberto Soppe, por causa de suas boas lembranças daquele tempo, mandou seu filho para o mesmo colégio, onde Frans foi aluno durante todos os anos da Segunda Guerra Mundial.

Em setembro de 1946, o jovem entrou com um grupo de 37 colegas no noviciado na cidade de Vlodrop, quando recebeu o nome de Rumoldus. Emitiu

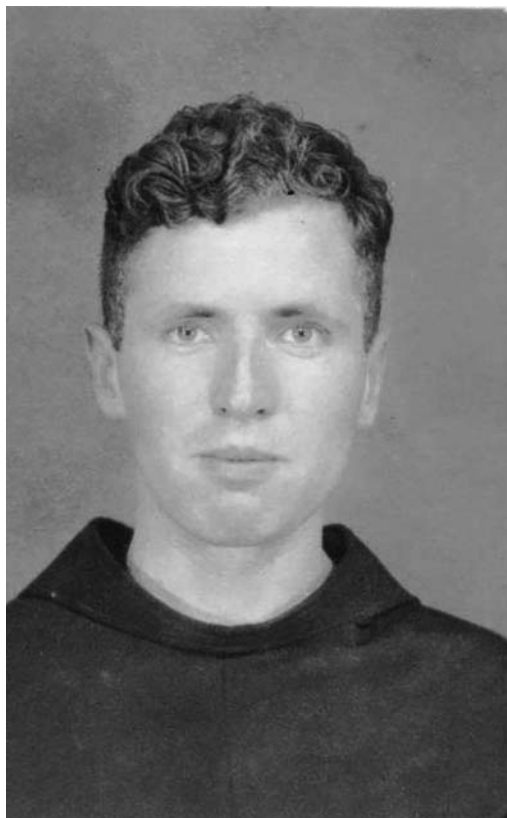
a profissão solene em 1950 em Alverna, e aos 15 de março de 1953 foi, em Weert, ordenado padre pelo bispo franciscano Dom Constans Kramer, juntamente com outros 23 confrades.

Após o ano de curso pastoral em Maastricht, partiu para o Brasil em 1954, seguindo seu falecido tio Frei Geraldo van Sambeek e seu primo Frei Edgar Groot. Uma das primeiras coisas que fez foi mudar seu nome religioso. Rumoldus não é nome muito brasileiro, daí então tornou-se Feliciano. Poste-

riormente, ele também assumiu a nacionalidade brasileira. Depois de se familiarizar com a língua portuguesa, foi nomeado professor no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, e, simultaneamente, autorizado a cursar Física na Universidade Federal de Minas Gerais.

Após cerca de dez anos de trabalho em Belo Horizonte, recebeu um pacote completo de incumbências na antiga cidade colonial de São João del-Rei, lugar cheio de tradições, irmandades e ordens terceiras de todos os tipos: diretor do Colégio Santo Antônio, diretor do internato, professor no colégio franciscano e no Instituto Salesiano. Como definidor, foi membro do governo da Província Santa Cruz.

Nem sempre era fácil para os frades evitar problemas naquela cidade tradicional. O próprio Feliciano também experimentou isso. Após três anos, passou a dividir seu tempo entre São João del-Rei e o Colégio Santo Antônio de Belo Horizonte, onde finalmente voltou a morar em 1970, e



Frei Feliciano Van Sambeek, 1954

onde, além de lecionar, também ajudou numa paróquia na periferia da cidade.

Com orgulho mostrava aos visitantes do Colégio Santo Antônio seu gabinete de física com os mais diversos aparelhos, arranjados em todo canto, inclusive no exterior. Adorava mostrar ao visitante como funcionava tudo aquilo, mesmo quando o visitante não tivesse o menor conhecimento de física.

Nesse tempo, Feliciano tornou-se também um animado rádio-amador com contatos espalhados pelo mundo afora. Nas igrejas e capelas onde ajudava, acompanhava o canto no seu teclado, sem, no entanto, saber ler notas musicais. Durante as férias escolares, gostava de encher uma Kombi com colegas, professores ou paroquianos, para uns dias de férias em Guarapari. Dirigir carro para colegas não motoristas ou para confrades com visita de parentes da Holanda não era nenhum problema para ele: era um prazer.

Em 1983, nossos caminhos se cruzaram novamente, quando Feliciano foi nomeado professor do Seminário em Santos Dumont. Como instituição de ensino, era bem mais modesto que o grande colégio na capital; lá, Feliciano passou a lecionar, além de física,

também matemática e até latim. Mas seu coração continuava, pelo menos em parte, em Belo Horizonte. Assim, não se importava em viajar dois dias da semana para dar aula na sua antiga escola e aproveitar a oportunidade de encontrar os tantos amigos naquela cidade.

Quando voltei a Santos Dumont, após umas férias na Holanda, Feliciano veio ao meu quarto. “Você visitou minha mãe?”, foi a primeira pergunta. Ao confirmar-lhe isto, continuou: “E minha mãe nada te contou ou perguntou a meu respeito?”. “Não, nada de especial”. “Bem, a questão é esta”, disse ele, “pretendo deixar a Ordem. Ninguém o sabe ainda, e peço-lhe para ainda não divulgar isto”. Para mim, foi uma ducha fria. No final do ano letivo, juntou suas coisas e partiu para Belo Horizonte, onde passou a morar num bairro da periferia da cidade. Como “Professor Francisco”, voltou a ter algumas aulas e pelo resto ganhou alguma coisa como motorista.

Esta experiência não saiu como esperava, e, como ainda não havia pedido dispensa em Roma, após uns dois anos bateu à porta do Provincial com o pedido de poder voltar à Ordem. Isso foi-lhe concedido, mas, antes de uma possível volta ao ensino,

passou por uma fase de readaptação em Corinto. Apesar de experiências anteriores em atividades paroquiais, teve em Corinto uma oportunidade de conhecer mais a fundo a pastoral paroquial, sobre a qual ele mesmo escreveu: “Agradeço aos meus confrades a compreensão e a alegria que demonstraram pelo meu retorno à Ordem”.

Seu trabalho em Corinto foi um trampolim para o trabalho paroquial em várias outras cidades, como Taiobeiras, Pirapora, Cabo Verde, São João del-Rei e Belo Horizonte. Mas, no intervalo de tempo entre Corinto e todas aquelas paróquias, regressou ainda por um período de três anos ao Seminário de Santos Dumont, combinando seu professorado com o exercício de pároco em Dorés do Paraibuna.

Por pouco tempo viveu ainda em uma comunidade na região do Vale do Jatobá, junto com alguns irmãos formandos. Às vezes era um tanto exigente, talvez, sem dizer isso, para preservá-los de situações pelas quais ele mesmo passou e das quais muito se arrendeu.

Em 2007 viemos morar juntos novamente na comunidade de Rivortorto em Areias. Lá ele era praticamente pau para toda obra: responsável por compras e

resolução de problemas técnicos, auxílio em várias igrejas e capelas da região, motorista de carro, tocador de teclado, fotógrafo – de preferência com o temporizador automático, para assim ele mesmo também aparecer na foto –, e experimentador de mil e uma coisas no computador.

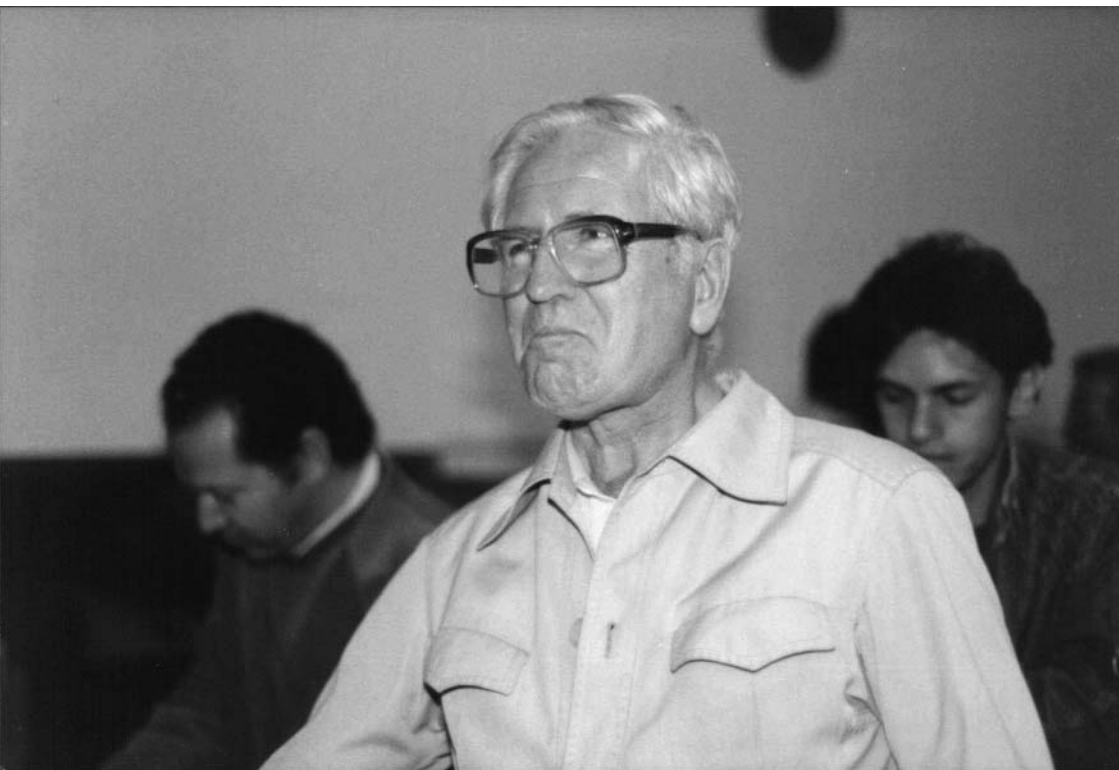
Um problema contra o qual ele lutou por muitos anos foi a surdez. Usou vários tipos de aparelhos auditivos, alguns com maior, outros com menor sucesso. Os alunos logo aprenderam como tirar proveito disso: espiar resposta em livro, caderno ou folha do colega, não conseguiam, Feliciano não deixava passar, percebia-o imediatamente; mas, o aluno perguntando baixinho ao vizinho, sem mexer muito os lábios (“João, qual é a resposta da questão 4?”), então não se precisava ter medo de ser pego, Feliciano não o ouvia.

Em 1998, aos 72 anos, escreveu: “Velho é aquele que deixa de sonhar e começa a reclamar. Não reclamo e tenho ainda alguns sonhos, e o principal é que Deus me conceda uma morte abençoada”. Só que ele ainda teve que esperar vinte anos pela realização desse sonho. Nos últimos anos, morou no Carlos Prates, cada vez mais dependendo da ajuda de outras pessoas, mas felizmente ainda ra-

zoavelmente lúcido. Quando voltei a encontrá-lo, há quase dois anos, depois de ficar dez longe do Brasil, a reação dele foi: “Ó, Geraldo, você voltou?”

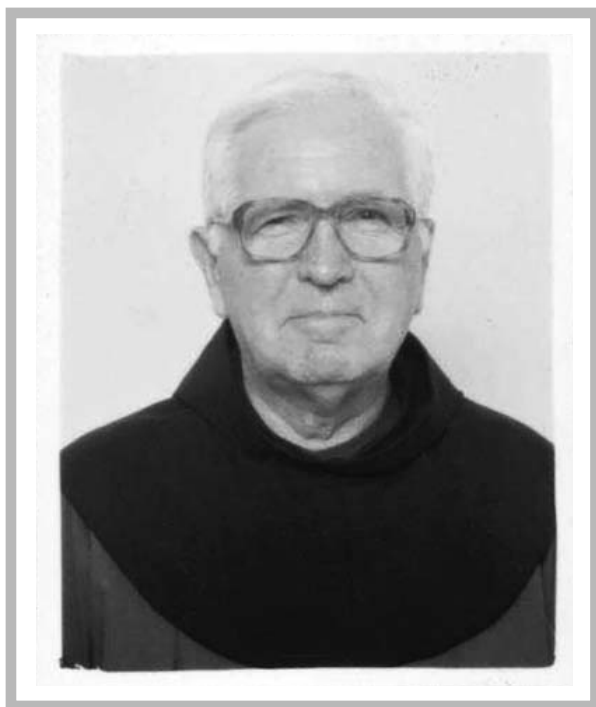
Feliciano foi o segundo mais jovem de sua turma de noviciado

e o último daquele grupo a morrer. No dia 26 de julho próximo, ele faria 93 anos de idade. Oxalá que possa comemorar seu aniversário com alegria na presença do Senhor e de tantos amigos que o precederam.



* N.B.: Este *in memoriam* foi recomendado por D. Hugo, que, a pedido da Equipe de Comunicação, fora incumbido de tal tarefa. O texto apresentado é tradução do *In memoriam* proferido na celebração de memória com confrades e parentes de Frei Feliciano, na Igreja franciscana de Megen, Holanda, no dia 26 de junho de 2021.

HISTÓRICO DE FREI FELICIANO



Informações básicas

Nome civil: Franciscus Johannes Maria van Sambeek

Mãe: Maria Catharina Mannaerts

Pai: Josephus Antonius van Sambeek

Data de nascimento: 26/07/1928

País: Países Baixos

Data de falecimento: 02/06/2021

Ano de chegada ao Brasil: 1954

Sacramento/Ato: Noviciado - Ingresso

Data: 07/09/1946

Local: Vlodrop - Holanda

Sacramento/Ato: Profissão Temporária

Data: 08/09/1947

Local: Venraay - Holanda

Sacramento/Ato: Profissão Solene

Data: 08/09/1950

Local: Alverna - Holanda

Sacramento/Ato: Tonsura

Data: 09/09/1950

Local: Alverna - Holanda

Sacramento/Ato: Ordens Menores

Data: 11/09/1950

Local: Alverna - Holanda

Sacramento/Ato: Subdiaconato

Data: 22/03/1952

Local: Weert - Holanda

Sacramento/Ato: Ordenação Diaconal

Data: 31/08/1952

Local: Weert - Holanda

Sacramento/Ato: Ordenação Presbiteral

Data: 15/03/1953

Local: Weert - Holanda

Oficiante: Mgr. Constans Kramer OFM

Data: 05/10/1954

De: HOLANDA

Para: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Função: Designado para estudar português

Data: 12/09/1955

De: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Curso pré-vestibular

Data: 18/02/1956

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Estudante de Física na UFMG

Data: 01/01/1957

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Professor no CSA

Data: 01/01/1959

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Estudante, Professor e Procurador das missões

Data: 22/01/1962

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Discreto e Professor de Física no CSA

Data: 01/01/1964

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Guardião

Data: 19/12/1964

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Funções: Def. Prov., Guardião, Dir. do Colégio, Secretário Prov. de orientação educacional, Professor

Data: 15/01/1968

De: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Para: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Funções: Vig. conv., Dir. pens., Vice-Diretor do Colégio e Professor

Data: 01/12/1968

De: MG | São João del-Rei | Santo Antônio

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Professor em Belo Horizonte e em São João del-Rei

Data: 01/01/1971

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Professor Colégio Santo Antônio, Discreto

Data: 01/02/1974

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Professor, Discreto

Data: 01/02/1977

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Professor, Assistente na paróquia do bairro Santa Inês

Data: 08/02/1980

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Professor

Data: 22/03/1983

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Santos Dumont

Funções: Cronista, Bibliotecário, Professor CJF, Vigário paroquial Aracitaba

Data: 01/01/1984

De: MG | Santos Dumont

Para: MG | Divinópolis | Santo Antônio

Função: Assistente paroquial

Data: 01/08/1984

De: MG | Divinópolis | Santo Antônio

Função: Saiu da Ordem

Data: 01/02/1986

De: [Regresso à Ordem]

Para: MG | Corinto | São Pedro de Alcântara

Função: Vigário paroquial

Data: 01/02/1989

De: MG | Corinto | São Pedro de Alcântara

Para: MG | Santos Dumont | Santo Antônio

Função: Vice-Reitor da CJF

Data: 01/01/1991

De: MG | Santos Dumont | Santo Antônio

Para: MG | Santos Dumont | Santo Antônio

Funções: Guardião, Vice-Diretor CJF

Data: 14/01/1992

De: MG | Santos Dumont

Para: MG | Belo Horizonte | São Benedito

Função: Vigário paroquial em São Dimas

Data: 03/12/1992

De: MG | Belo Horizonte | São Benedito

Para: MG | Santos Dumont | São Miguel e Almas
Funções: Vigário paroquial, Professor CJF

Data: 01/12/1993

De: MG | Santos Dumont
Para: MG | Taiobeiras | São Sebastião
Função: Pároco na Paróquia São Sebastião

Data: 06/02/1995

De: MG | Taiobeiras | São Sebastião
Para: MG | Pirapora | São Sebastião
Função: Vigário paroquial

Data: 05/04/1995

De: MG | Pirapora | São Sebastião
Para: MG | Pirapora | São Sebastião
Funções: Guardião e Vigário paroquial

Data: 06/11/1995

De: MG | Pirapora | São Sebastião
Para: MG | Cabo Verde | Nossa Senhora da Assunção
Função: Pároco na Paróquia Nossa Srª das Dores

Data: 04/12/1997

De: MG | Cabo Verde | Nossa Senhora da Assunção
Para: MG | São João del-Rei | Nossa Senhora de Lourdes
Função: Vigário paroquial na Paróquia São Francisco

Data: 20/10/1998

De: MG | São João del-Rei | Nossa Senhora de Lourdes
Para: MG | Taiobeiras | São Sebastião
Função: Vigário paroquial da Paróquia de São Sebastião

Data: 01/02/2000

De: MG | Taiobeiras | São Sebastião
Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino
Função: Assistente paroquial

Data: 23/02/2001

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Vigário paroquial da Paróquia São Dimas (Vale do Jatobá)
nos finais de semana

Data: 22/08/2001

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Função: Vigário da Casa São Bernardino

Data: 01/01/2004

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Vigário da Casa, Vigário paroquial

Data: 01/03/2004

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Vigário da Casa, Vigário paroquial e Capelão das Irmãs
Clarissas do Mosteiro Santa Clara

Data: 01/01/2005

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Vigário da Casa, Vigário paroquial, Auxiliar de arquivo (Ar-
quivo Provincial)

Data: 01/01/2006

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Funções: Assistente paroquial, Assistente na Paróquia São João Evan-
gelista, Capelão das Clarissas

Data: 01/12/2006

De: MG | Belo Horizonte | São Bernardino

Para: MG | Ribeirão das Neves | Rivotorto

Função: Residente

Data: 17/02/2011

De: MG | Ribeirão das Neves | Rivotorto

Para: MG | Belo Horizonte | São Francisco das Chagas

Função: Residente

Data: 14/12/2012

De: MG | Belo Horizonte | São Francisco das Chagas

Para: MG | Belo Horizonte | São Francisco das Chagas

Data: 01/11/2017

De: MG | Belo Horizonte | São Francisco das Chagas

Para: MG | Divinópolis | Santo Antônio

Função: Residente temporário enquanto se realiza a reforma da enfermaria da Fraternidade São Francisco das Chagas-BH

Data: 04/12/2018

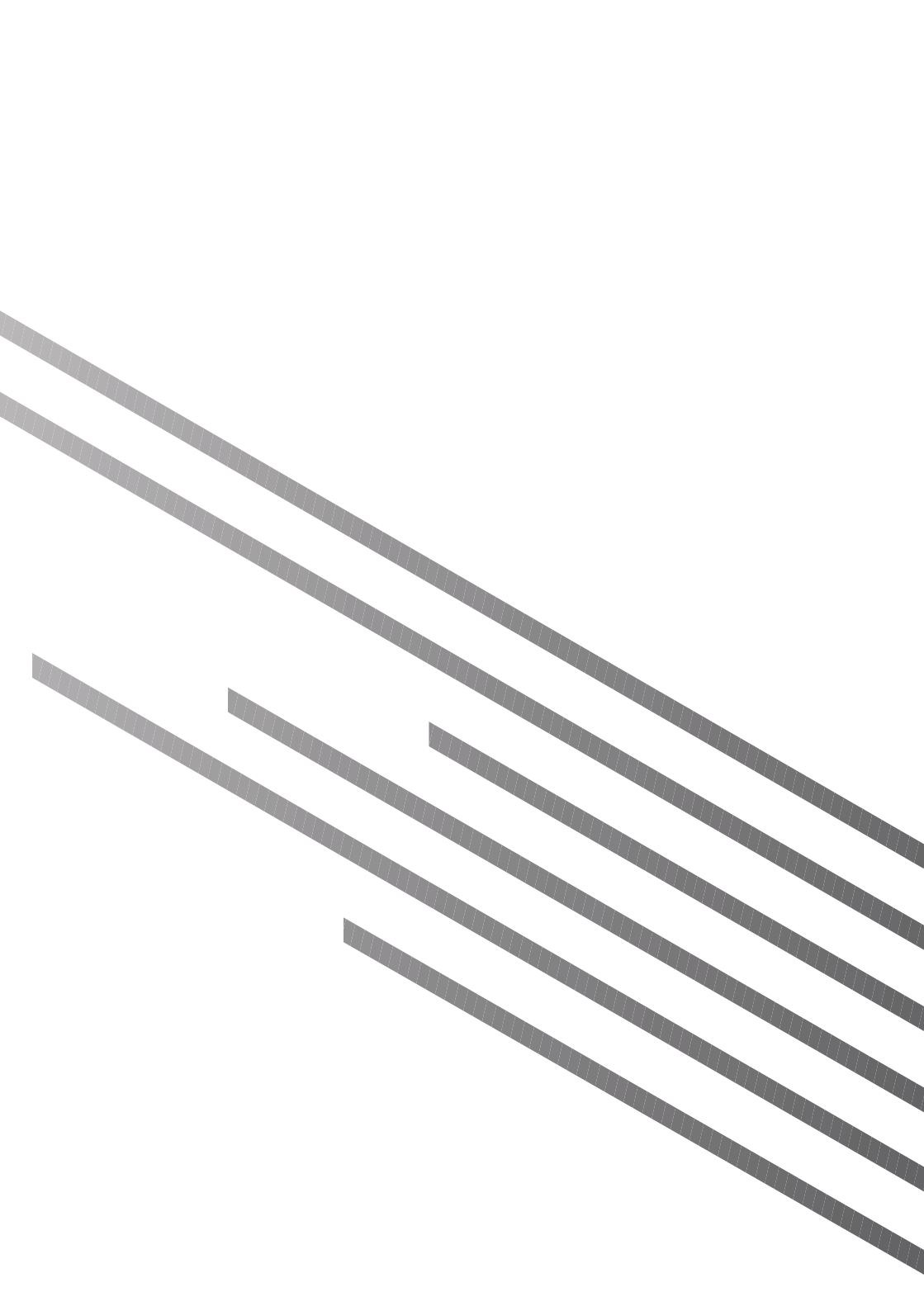
De: MG | Divinópolis | Santo Antônio

Para: MG | Belo Horizonte | São Francisco das Chagas

Função: Residente



Frei Feliciano Van Sambeek, 1986





Ordenação presbiteral de Frei Ademilson
Salvino dos Santos, OFM



Ordenação presbiteral de Frei Marco Antonio
Abrêu Lomar, OFM